

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

LIVIA NATIVIDADE DA CRUZ

DANÇA NA PRISÃO: um caminho à liberdade no Centro de Detenção
Feminino do Amazonas

Manaus
2024

LIVIA NATIVIDADE DA CRUZ

DANÇA NA PRISÃO: um caminho à liberdade no Centro de Detenção
Feminino do Amazonas

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Dança da
Universidade do Estado do Amazonas (UEA),
Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT),
como requisito parcial para obtenção do grau
de Bacharelado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Martins Afonso

Manaus

2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

LÍVIA NATIVIDADE DA CRUZ

DANÇA NA PRISÃO: um caminho à liberdade no Centro de Detenção
Feminino do Amazonas

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo/ Universidade do Estado do Amazonas.

Manaus, 17 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ANNIE MARTINS AFONSO
Data: 23/12/2024 22:36:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Annie Martins Afonso, Presidente
Universidade do Estado do Amazonas

Documento assinado digitalmente



YARA DOS SANTOS COSTA PASSOS
Data: 03/01/2025 10:38:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos, membro
Universidade do Estado do Amazonas

Documento assinado digitalmente



GETULIO HENRIQUE ROCHA LIMA
Data: 03/01/2025 17:00:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Getúlio Henrique Rocha Lima, membro
Universidade do Estado do Amazonas

Dedico essas escritas poéticas à minha mãe e minha irmã, mulheres que trilharam lutas diárias comigo, fortalecendo-me sempre a ser uma pessoa melhor.

Para as pessoas que, no inconsciente mais profundo, são ou já foram corpos marginalizados e corpos marginalizados, que seus conscientes sejam acessados e suas liberdades transcendam. Dedico minha Arte à vida bem vivida.

AGRADECIMENTOS

À minha amorosa mãe Iranilda Natividade Xavier, mulher não branca, que nunca deixou de acreditar no meu processo de escolhas e em mim; fez de rios agitados à acalmaria através do amor e multiplicou suas forças com dignidade, coragem e resiliência, eu te amo.

À minha amorosa irmã Layra Natividade da Cruz, mulher não branca, por nunca se calar nas negligências percebidas e praticar o ato de amar desde minha infância a vida atual e por ser a minha maior referência das lutas diárias feministas, eu te amo.

Ao meu amoroso pai Ilauro da Cruz Pinho, homem preto, que apesar das turbulências da vida, cuidou de mim e me ensina todos os dias que o ato do perdão é necessário para amarmos verdadeiramente, que a Arte nos guie no processo de cura coletiva, eu te amo.

Ao meu digno irmão Jemelly Xavier da Cruz Pinho, que me apresentou ao mundo das Artes, você foi meu apoio inicial para tantas caminhadas coletivas e artísticas, que a Música nos conduza com amor ao processo de cura, eu te amo.

Ao meu digno irmão Raphael Natividade da Cruz, por sempre mostrar a empatia nas suas atitudes, que por vezes se esqueceu para nos ajudar nas turbulências diárias da vida, você merece todo o amor do mundo, eu te amo.

À digna Annie Martins Afonso, mulher indígena da etnia Ticuna, por escolher caminhar comigo nessa fase tão importante da minha vida e por me apresentar ao amor verdadeiro com o seu olhar Teatral, seu movimento é lindo e potente, agradeço imensamente pela sua paciência, por nossas conversações e trilhas percorridas, você faz a diferença nesse mundo, eu te amo.

Às minhas amigas e o meu amigo Gabriella Assis, Lidiane Lopes, Rodrigo Oliveira, agradeço imensamente por todas as trocas em nossas conversações diárias, sem vocês nada disso seria possível, eu amo vocês.

À digna Érika da Silva Ramos, por me apresentar ao mundo da inclusão, você foi essencial para o início dessa trajetória em rumo as Práticas Poéticas dentro dos presídios de Manaus, seus ensinamentos jamais serão esquecidos, eu te amo.

À digna Yara Costa e o digno Getúlio Lima, por tantas Danças inspiradoras no qual minha corpa se sentiu pertencente a dançar, agradeço imensamente por todos os abraços, e experimentações que me proporcionaram até aqui, vocês construíram uma artista potente, eu amo vocês.

À todas e todos os educadores que passaram em minha vida desde a infância a vida atual, sem seus ensinamentos nada disso seria possível, minha eterna gratidão.

Às mulheres que estão inseridas no Centro de Detenção Feminino e que fizeram parte desse estudo, suas movimentações são potentes e dignas de amor, sem vocês nada disso faria sentido, agradeço imensamente por cada uma.

À todas e todos os integrantes da Cia Movère, que transformaram e transformam a minha vida através de suas pesquisas e processos de criação artísticas, vocês são e fazem a diferença.

À todas e todos os artistas que contemplam a Banda Rabo de Vaca, em especial a Anne Viriato, por acreditar nas minhas potencialidades enquanto artista manauara, agradeço imensamente pelas viagens ricas de ensinamentos feitas nos municípios e estados da Região Norte do Brasil à fora.

À todas e todos os artistas da cidade de Manaus que cruzaram minha vida até aqui, vocês são atos políticos e revolucionam o mundo com suas Artes amorosas.

Ao meu animal-filho de estimação Pretinho, minha gatinha já encantada Amora e as cachorrinhas Princesa, Fofinha, Bebê e Codofa, que trouxeram sorrisos no meu movimento de alegria e felicidade durante todo esse trajeto.

Gratidão a minha pessoa-persona por se permitir nessa pesquisa, a explorar seus universos antes nunca acessados, eu amo você Lívia Natividade da Cruz.

À todas e todos que contribuíram de alguma forma com esse estudo sensível e poético, que possamos revolucionar o mundo com um ato de amor.

Gratidão a todas, todos e todes.

RESUMO

Essa obra de Arte é um caminho para libertação através da Dança e para aquelas ou aqueles que se sentirem pertencentes a conversar comigo. Sou uma pessoa antes de tudo, entretanto também sou uma mulher não branca, que cresceu e vive até o presente momento em um bairro da periferia na cidade de Manaus. Tive a oportunidade de pisar em ambiente acadêmico da Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo, fui uma das pessoas humanas que adotaram a escrita acessível como um ato político de amor. Esse estudo enaltece o processo e as histórias das mulheres que estão inseridas no sistema penitenciário, Centro de Detenção Feminino, mais conhecido como a Casa da Barbie. A minha escrita é uma poesia para engrandecer as Práticas Poéticas que elas geram em seus movimentos, porém nada aqui é inocente e prego constantemente a inclusão. Com isso, o objetivo desse estudo é adotar um olhar sensível dentro das prisões do Amazonas na cidade de Manaus, e a partir das minhas perspectivas perceber como eu traduzo os significados dos movimentos dessas mulheres em situação de encarceramento, enquanto, os específicos se constroem pelo seguinte processo de perguntas: Como a Dança pode contribuir no processo de sublimação dessas mulheres em situação de cárcere? Elas se percebem fazendo tais movimentos e conseguem ter uma autoconsciência da própria corpa? O processo de escolhas bem-feitas pós prisões pode ser uma consequência do movimento da Dança no presídio? Para esse percurso, abraço a metodologia da Escrivência de Conceição Evaristo, para inquietar vocês com amor. Dessa Arte foi se construindo percepções e afetações no qual transfiro para os meus desenhos como um apoio visual das minhas perspectivas subjetivas. A vida é um constante movimento, e com isso, apresento as vibrações e as festas de algumas mulheres que um dia já foram silenciadas e negligenciadas, sendo elas Renata, Sarah, Ylmy e Quevora. E em dois dias nos presídios, vi potencialidades e processos de escolhas bem-feitas, mas também suas denúncias em suas corpas políticas através dos Jogos Teatrais, que são proporcionados pelo projeto de extensão “Arbítrio: Teatro nas Prisões”. Para esse fim bem-vindas e bem-vindos as prisões, um lugar onde a resignificação é essencial, e as trilhas são percorridas rumo à libertação. Eu dedico a minha Arte à vida.

Palavras-chave: Dança; Prisão; Escrita Acessível; Movimento; Processo.

RESUMEN

Esta obra de Arte es un camino de liberación a través de la Danza y para quienes se sientan pertenecientes que hablen conmigo. Soy ante todo una persona, pero también soy una mujer no blanca, que creció y vive hasta el día de hoy en un barrio de las afueras de la ciudad de Manaus. Tuve la oportunidad de poner un pie en un ambiente académico en la Universidad del Estado de Amazonas, Escola Superior de Artes y Turismo, fui uno de los seres humanos que adoptó la escritura accesible como un acto político de amor. Este estudio resalta el proceso y las historias de mujeres que son incluidas en el sistema penitenciario, el Centro de Detención de Mujeres, mejor conocido como Casa de Barbie. Mi escritura es poesía para realzar las Prácticas Poéticas que ellos generan en sus movimientos, pero aquí nada es inocente y predico constantemente la inclusión. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es adoptar una mirada sensible al interior de las cárceles de Amazonas en la ciudad de Manaus, y desde mis perspectivas comprender cómo traduzco los significados de los movimientos de estas mujeres en situación de encarcelamiento, mientras que los específicos se construyen a partir del siguiente proceso de preguntas: ¿Cómo puede la Danza contribuir al proceso de sublimación de estas mujeres en prisión?

¿Se dan cuenta de que hacen tales movimientos y son capaces de tener conciencia de su propio cuerpo? ¿Puede el proceso de decisiones bien tomadas después de la cárcel ser una consecuencia del movimiento de la Danza en prisión? Para este viaje, acojo la metodología de la Escritura de Conceição Evaristo, para perturbarlos con amor. A partir de este Arte se construyeron percepciones y afectaciones, que transfiero a mis dibujos como soporte visual de mis perspectivas subjetivas. La vida es un movimiento constante, y con eso presento las vibraciones y fiestas de algunas mujeres que alguna vez fueron silenciadas y olvidadas, a saber, Renata, Sarah, Ylmy y Quevora. Y en dos días en las cárceles, vi el potencial y los procesos de las decisiones bien tomadas, pero también sus denuncias en sus órganos políticos a través de los Juegos Teatrales, que son proporcionados por el proyecto de extensión "Arbitrio: Teatro nas Prisões". Para ello se acogen las cárceles, lugar donde la resignificación es imprescindible y se transitan caminos hacia la liberación. Dedico mi Arte a la vida.

Palabras clave: Danza; Prisión; Escritura accesible; Movimiento; Proceso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO POÉTICA.....	11
1.1 Memorial da Lívia	11
1.2 Quem é Lívia Cruz hoje?.....	12
1.3 Quem foi Lívia?	16
1.4 Qual a história relevante de Lívia?	19
1.5 Quem quer ser Lívia?	22
2 CAPÍTULO 1 – DANÇA	25
2.1 Dança em Penitenciária	27
3 CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÕES E SENSações.....	31
4 CAPÍTULO 3 – DA DISCIPLINA À EDUCAÇÃO SOMÁTICA	38
4.1 Processo da Disciplina respeitosa.....	45
4.2 Por que educação somática?	50
5 METODOLOGIA DA ESCREVIVÊNCIA.....	56
5.2 Um caminho chamado Arbítrio - PRIMEIRO CONTATO/ VISITANDO O COMPAJ	58
5.3 Processo Yimmy - COMPAJ	60
5.4 Processo Sarah - Confluências das Artes entre Renata e Sarah	67
5.5 Processo Quevora e suas Cenas	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS EM PROCESSO	86
7 REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO POÉTICA

O ensaio poético que você vai apreciar é fruto de uma consciência do porquê estou inserida no mundo da inclusão, são perspectivas minhas com a Linguagem da Dança, para entender as seguintes perguntas: por que estou escrevendo sobre corpos e corpos marginalizadas/marginalizados? Para quem estou escrevendo esse estudo? Eu sou uma corpa marginalizada? Antes de tudo quero agradecer imensamente quem parou seu tempo para conversar comigo, e depois de tudo peço um silêncio profundo e reflexivo sobre as palavras ditas e escolhidas para compor essa obra de Arte, talvez você leia e goste de tudo, mas talvez você comece e nem queira terminar, esse Trabalho de Conclusão de Curso não é nada inocente e arrisco dizer que tem o objetivo de ser inquietante, entretanto não deixo de tentar trazer a poesia e símbolos fáceis de decifrar como um ato político de amor, e a importância do processo será sempre enaltecida aqui nesse estudo. É válido lembrar que caminhos e trilhas são cheios de turbulências por serem difíceis no processo de escolhas com um objetivo-fim. Com isso, converso com autoras, autores e pessoas especiais que cruzaram meu percurso, sendo elas: as/os educadoras/es que passaram por minha vida da infância à vida atual; as autoras e autores de livros, dentro desse tópico agradeço exclusivamente à bell hooks, M. Scott Peck, Michael Foucault, Jussara Miller, Klauss Vianna e os/as demais apresentados até as considerações finais ou em processo deste trabalho, minha eterna gratidão; ainda aos meus familiares e pessoas especiais que foram confluindo em meu movimento de vida aqui na Terra, na cidade de Manaus/AM.

1.1 Memorial da Lívia

A importância de um memorial reflete um retorno a minha própria história e tantas vozes silenciadas que me identifico nas unidades prisionais. A pesquisa proposta tem a metodologia da escrevivência, um termo cunhado por Conceição Evaristo, utilizado por nós, mulheres não-brancas, para marcarmos nosso território, refazer os apagamentos que nos impuseram e escrever como cura. Por isso, a minha história de vida é tão importante neste registro, pois minha corpa se mistura à

pesquisa. Sou uma corpa política, que sente, que se afeta, que caminha, que vibra, se contrai e se dilata com a influência direta da prisão.

1.2 Quem é Lívia Cruz hoje?

Eu sou Lívia Natividade da Cruz, uma mulher não branca¹, tenho 22 anos de vida com experiências e investigações que ainda acontecem, gosto de Música, Dança e Teatro. Por anos reneguei a Música, onde identificava muita hierarquia, machismo e patriarcado vindo das letras às atitudes familiares, mas em uma investigação constante comigo mesma e algumas reflexões diárias, hoje permito minha corpa² sentir o prazer de ouvi-la. Sou uma pessoa muito dual, entendo e escolho sob muita responsabilidade ser pessoa-persona³: a artista Lívia Cruz e a persona Lívia Cruz,

¹ Ainda em processo de letramento e autodeclaração sobre minhas identidades afro-indígenas, por isso neste momento declaro-me como não-branca, o que para mim, já é um posicionamento político.

² "Corpa" é uma palavra usada para enfatizar que o corpo não é apenas algo físico, mas também carrega significados ligados à identidade, emoções e experiências. Ela é uma forma de reconhecer que cada corpo (ou "corpa") pode ser único, diverso e cheio de histórias, indo além da visão tradicional e muitas vezes limitada do que o corpo "deve ser". Esse termo também é usado em movimentos que valorizam a inclusão e a pluralidade, destacando a importância de respeitar todas as vivências corporais.

CONCEITO DE PERSONA E PESSOA

³ Pessoa-persona: Surge essa reflexão e nomenclatura a partir de um campo psicológico onde estudo e me aprofundo, segundo Carl Gustav Jung, "persona" é como uma máscara que usamos para nos apresentar ao mundo. Essa máscara não é falsa, mas é uma parte de nós que criamos para nos adaptarmos às exigências da sociedade e às expectativas dos outros. Ela nos ajuda a navegar pelas relações sociais e desempenhar nossos papéis na vida — como ser trabalhador, amigo, pai, ou qualquer outra identidade que adotamos. Porém, Jung nos alerta para o risco de nos identificarmos demais com essa máscara. Quando isso acontece, podemos esquecer quem realmente somos por trás dela. É como se estivéssemos tão focados em agradar ou cumprir expectativas que perdemos contato com nossos desejos mais profundos, nossa autenticidade e até nossas fragilidades. Essa desconexão pode levar a um vazio, como se estivéssemos vivendo para os outros, mas não para nós mesmos. A persona, então, não é ruim; ela é necessária. Mas, para Jung, o equilíbrio está em reconhecê-la como apenas uma parte do que somos, não a nossa totalidade. Ele nos convida a explorar o que há por trás dessa máscara — nossas sombras, nossos sonhos e nossa essência mais autêntica. Em termos

usufruo do mesmo nome artístico para ambas, entretanto, são completamente diferentes (singulares). A artista Lívia Cruz (a verdadeira) sou eu e estou escrevendo esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e a persona Lívia Cruz é só uma consequência da minha revolta de silenciamento, eu a criei para suprir minhas faltas sociais e negligências infantis, mas depois acabou virando um produto do capitalismo e por um curto período de tempo já não fazia tanto sentido para mim, entretanto, revisito todos os dias com o processo de ressignificá-la, pois não deixa de ser uma completude da minha história como pessoa.

Eu, a artista, estou em processo de sensibilização, disciplina com respeito e assumindo as responsabilidades por todas as escolhas feitas até presente momento, desacelero e respiro, investigo o meu próprio ritmo, dou tempo ao tempo, sem pressa ou pressão, em busca de uma vida bem vivida, pelo simples prazer de viver. Dedico minha Arte à Vida, priorizo por coletivos e uma sociedade com mais inclusão, faço parte do grupo de pessoas humanas que adotaram a escrita acessível, que diferente da escrita científica que é excludente por ser difícil, a acessível é sensível e fácil de decifrar, e a leitura faz seu papel de passar o conhecimento; não escrevo para os brancos da classe dominante, eles já possuem o privilégio de ler e escrever, além disso, usam determinados termos para alimentar a ignorância seletiva (pessoas da periferia); minha escrita é voltada para vocês que se identificam comigo, pessoas não brancas, de classe social baixa (proletariado), e que sentem dificuldade na leitura; vale ressaltar que não sou contra artigos científicos ou livros que usam palavras como “paulatinamente”, mas prefiro aqueles que falam “de pouco a pouco”. Devo um agradecimento especial a bell hooks⁴ que abriu meus olhos através de seus livros

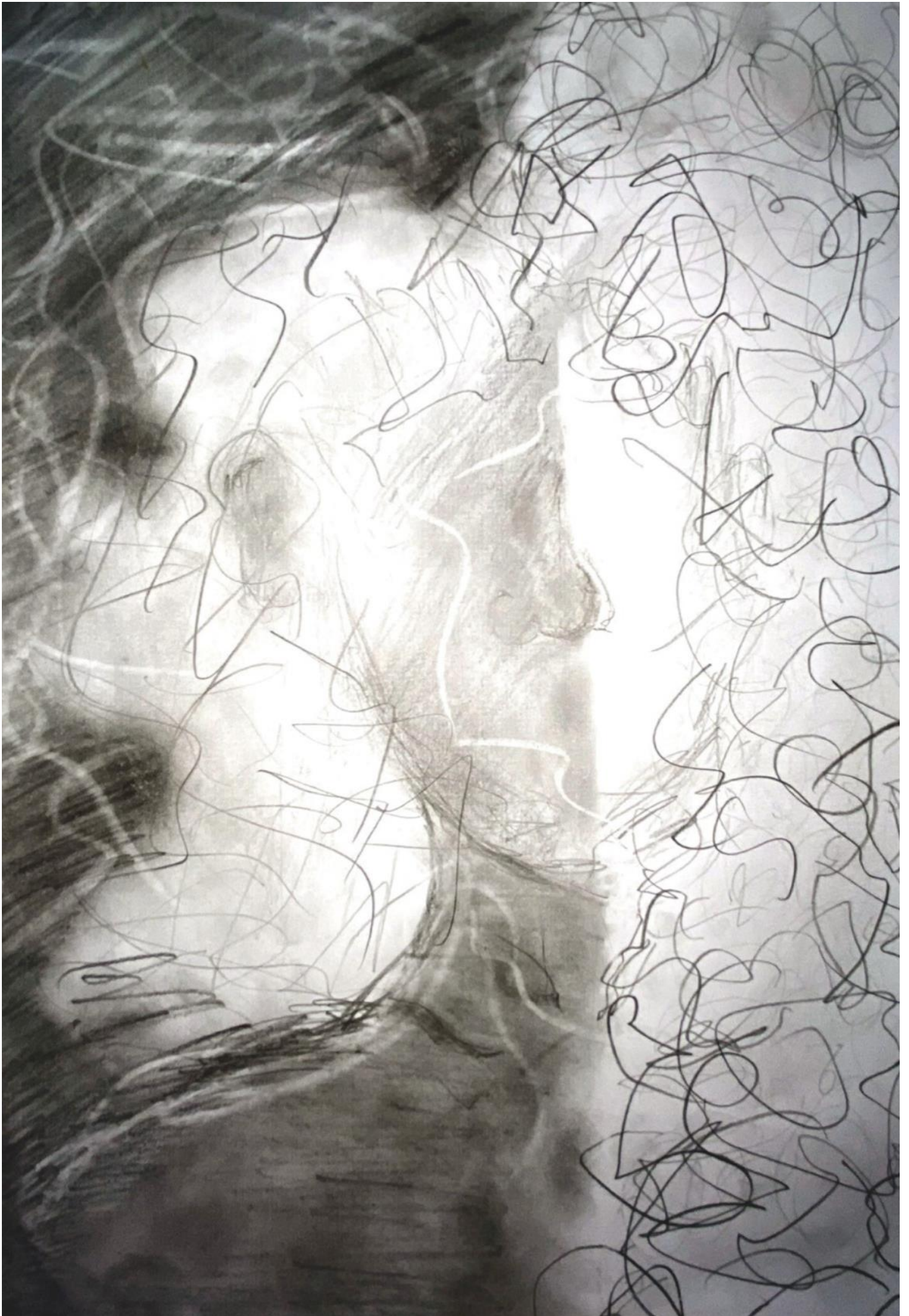
simples, a mensagem de Jung é que precisamos dançar entre o que mostramos ao mundo e o que guardamos dentro de nós. Como bell hooks poderia dizer, esse encontro com nosso interior é um ato de amor-próprio, uma maneira de viver com mais inteireza e liberdade. Para sobreviver e continuar existindo eu criei a persona Lívia Cruz.

⁴ bell hooks foi uma escritora, acadêmica e ativista feminista americana. Ela escreveu sobre temas como racismo, feminismo, amor e educação, sempre buscando criar um mundo mais justo e igualitário. Suas ideias destacam como diferentes formas de opressão, como gênero, raça e classe, estão conectadas. Seu trabalho inspirou muitas pessoas a repensar suas relações e a lutar por mudanças sociais.

acessíveis, e peço desde já desculpas se eu usar alguma palavra difícil ou complexa demais.

Hoje, entendo a minha Arte e a importância do seu movimento, é um ato de amor revolucionar as ideias que já não favorecem à vida digna, sendo assim, sou movida de maneira amorosa a lutar pelas pessoas que são ignoradas, afastadas e silenciadas, se vou fazer a diferença ou não esse é meu movimento atual e é o que faz sentido para mim. Eu não gosto de progressões, muito menos armas ou guerras, defendo e acredito no processo do princípio da disciplina respeitosa, através do autoconhecimento e a autoconfiança, criando pontes entre o inconsciente e o consciente das atitudes e atos, como consequência defendo as práticas do perdão, primeiramente consigo depois com o outro, a fim de um caminho para a libertação e possibilidades de escolhas bem-feitas. Hoje permito minha corpa ser afetada e sensibilizada pelo simples, observo os singelos movimentos, suas manifestações, e entendo que as decifrações que ocorrem são apenas perspectivas minhas e individuais, e que muitas vezes não cabe à pessoa aceitá-las. Tomei a liberdade de estabelecer dois lemas para essa caminhada rumo a libertação: “Pessoas acima das tecnologias/ferramentas”, para lembrar que a pessoa é a coisa mais importante aqui nessa pesquisa o resto é a extensão, a Arte da Dança que eu levo para elas é só um detalhe mas a diferença é as pessoas que fazem; o próximo seria “Pessoas acima do dinheiro”, em oposição ao poder capitalista excludente que joga nossas corpas e corpos as margens da sociedade, que prega com clareza o não pertencimento e explícita com todas as letras a desumanidade.

Figura 1



1.3 Quem foi Livia?

Eu sou Livia Natividade da Cruz, apenas uma pessoa antes de tudo, mas também uma mulher cis, não branca, manauara e artista que gosta de fazer Artes, filha da digna Iranilda Natividade Xavier e do digno Ilauro da Cruz Pinho, pessoas não brancas de interiores do estado do Pará (Juriti Velho e Castanhal), juntos tiveram, além de mim, mais dois dignos e uma digna: Raphael Natividade da Cruz, primogênito da família por parte de mãe; Jemelly Xavier da Cruz Pinho, irmão do meio que apresentou a artista para o mundo das Artes com 12 anos; e a Layra Natividade da Cruz, a primeira mulher feminista da família e a minha maior referência para todas as manifestações artísticas atuais sobre questões de gênero e classe.

Em 2021, ingressei na faculdade de Dança da Universidade do estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo, pelo Sistema de Ingresso Seriado (SIS) em período de pandemia da COVID-19, fui estudante de escola pública da infância à vida atual, chegar em piso acadêmico superior é um pequeno passo de inclusão social de pessoas que se assemelham a mim, na faculdade tive a oportunidade de vivenciar sonhos e experiências grandiosas, onde os meus semelhantes (colegas de turma da infância à vida atual) talvez não tiveram o mesmo fim, e tudo bem desde que não haja desumanidade em suas vidas.

A sociedade passada à atual é muito excludente e não se percebe, o processo de pertencimento muitas vezes falha tornando o ambiente nada convidativo e a inclusão dessas corpos e corpos não se tornam reais, de maneira mais geral, as pessoas de periferia não se sentem pertencentes ou convidadas a essa organização chamada de faculdade. Muitas vezes eu duvidei sobre o meu pertencimento à universidade, e continuo duvidando enquanto escrevo esse memorial. Eu li ou ouvir, que ninguém é melhor para escrever sobre si do que você mesmo, já que foi sua corpa que sentiu a sua história, eu concordo totalmente, entretanto escrever sobre mim não tá sendo fácil, porque eu me desconheço, e estou em processo de reconhecimento, muita coisa meu cérebro foi se esquecendo porque foi se embranquecendo para poupar o sofrimento de solidão, a cada lembranças acessadas é uma conquista do

minha própria corpa, porém já dizia o psicanalista M. Scott Peck 5“a vida é difícil”. Tomei essa verdade para facilitar meu encontro com minha criança interior e buscar por respostas sobre meus medos, para superá-los (levá-los ao meu consciente) e questionar minhas coragens e escolhas (decisões tomadas). Por que eu escrevo sobre as(os) corpas(os) marginalizadas(os)? Eu sou uma corpa marginalizada? Eu me sinto pertencente a estar na faculdade de Artes? Da infância à vida atual, fui uma pessoa curiosa que não aceitava verdades rasas muito menos hipocrisia entre falas e atos.

Se eu vou conseguir responder todas as minhas inquietações como essa pesquisa, eu não sei, muito provavelmente que não, mas de uma coisa eu sei, eu já fui muito negligenciada e silenciada. Talvez por isso, encontrei as mulheres nas unidades prisionais, também silenciadas em vários aspectos. Hoje sou movida pelo mundo da inclusão social, precisei iniciar de alguma forma e refletir bastante antes de escrever cada palavra (símbolo), eu não quero estar aqui no último Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) escrevendo para pessoas brancas, porque elas já sabem ler, estou justamente escrevendo para aqueles que não sabem, preciso que eles compreendam o que estão lendo para não serem considerados ignorantes, preciso de alguma forma escrever para eles e elas, porque é o que faz sentido para mim nesse momento, por muitas vezes fui negligenciada na leitura e nunca entendi os símbolos da escritas, mas sempre fui uma boa ouvinte.

Sou observadora das palavras, entretanto não as domino, o poder nos impõe muitas coisas e querem que eu engula tudo, mas eu já estou engasgada, e preciso desacelerar para eu respirar e respeitar minha corpa, a escuta do corpo, ou melhor da minha corpa, veio através dessa aceleração constantemente do capitalismo sobre minha persona que antes não a entendia e denomina como a “ser Lívia Cruz”, ela é oprimida e silenciada, aceitou e escolheu o capitalismo para suprir suas carências e suas faltas. A persona Lívia Cruz é triste e cheia de filtros, tive que criá-la em um momento em que eu achei necessário ter uma amiga para fazer o espelhamento, pois

⁵ M. Scott Peck foi um psiquiatra e autor americano famoso por seu livro "A Estrada Menos Percorrida". Ele explorava temas como crescimento espiritual, disciplina, amor e autoconhecimento, misturando psicologia e espiritualidade de forma prática e acessível. Suas ideias ajudaram muitas pessoas a entenderem melhor os desafios da vida e como enfrentá-los com mais consciência e propósito.

fui cercada pelo racismo, machismo e patriarcado a minha infância toda, e a supremacia branca me trouxe o não pertencimento, creio que a religiosidade também teve grande influência para a criação da persona, haja vista, que a hipocrisia corria à solta nos comentários dos cristãos no qual a igreja era cercada. Percebia que não fazia sentido falar sobre o amor e ver negligências dentro de casa e ver o desamor de perto. Eu cresci e vivi confusa por um longo período, estou em processo de reconhecimento de si, em busca do meu crescimento espiritual e emancipação, talvez nunca alcance os objetivos, entretanto a iniciativa, ao meu ponto de vista, é mais importante.

Eu gosto de processos, eles são profundos, envolve respeito, e por isso me encanta, é uma disciplina de constante prazer e não só torturas, chamadas de disciplinas respeitadas e logo mais vou falar sobre. Mas a verdade dói quando acessada, por isso é perigoso começar um processo muito sensível, então é sempre um jogo entre cutucar a ferida, respeitar o momento vivido, buscar por soluções e repostas, para assim continuar o processo ao “objetivo final”. Vale ressaltar que tem coisas que nunca vão ter repostas prontas e bonitas, só um vácuo de possibilidades.

Lívia Natividade da Cruz, a artista Lívia Cruz, é disciplinada por uma hierarquia do poder, a persona Lívia Cruz é revoltada e se indisciplinou para viver os prazeres do mundo capitalista, buscando uma alternativa de pertencimento, coisa que a artista não tinha vivenciado, porém a persona é triste, ela é silenciosa e estrategista, porém sua corpa foi totalmente idealizada na visão de um homem, ela é heteronormativa e se desrespeita constantemente, ela falha na coragem de dizer “não” para o patriarcado e é subserviente e submissa.

A artista, por outro lado, é oprimida-opressora, haja vista, que fui condicionada a determinadas escolhas e vivências que hoje busco sempre ressignificar e emancipar, já fui contra muita coisa que hoje eu defendo com muito amor e responsabilidade, porque estou em processo de permissão e na busca de entender as minhas faltas e negligências infantis. E isso foi a melhor iniciativa que pude tomar até o presente momento. Certa vez em uma conversa disse que “cheguei a esse assunto do nada”, e uma pessoa especial disse a seguinte frase “Lívia, nada acontece do nada, tudo tem um motivo”, e ela estava certa; a cada dia que leio, estudo, escrevo sobre corpas(os) marginalizadas(os), minha vida faz mais sentido e floresce, ao

mesmo tempo que posso colaborar com essa pesquisa na sociedade, ela de alguma forma me emancipa.

1.4 Qual a história relevante de Lívia?

Sempre percebo o não pertencimento desde a infância, acho que o mais relevante da minha história de vida é "entender porque estou fazendo determinada coisa", por exemplo: não me agrada os ruídos e as negligências, por isso adoto sempre o uso da disciplina respeitosa como alternativa de trazer o pertencimento e tentar chegar a algum fim, sendo ele, o autoconhecimento e a autoconfiança, identificando sempre as possibilidades da pessoa para alimentar as potencialidades dela, com ela, e para ela; conscientemente ou inconscientemente, eu trabalhava e trabalho a inclusão por meio das minhas explicações simplistas e coloquiais. Mas como que acontece esses ruídos e como resolvê-los? Que negligências são essas?

A Dança e a Matemática, por exemplo, caminham junto com a objetividade (resultado; forma; movimento cristalizado), como um problema ou uma investigação de inquietações, vejo a corpa ou corpo não se sentirem pertencentes a Matemática ou a Dança, por conta dessa objetividade priorizada; percebo a exclusão de pessoas a essas ferramentas e disciplinas, em suas falas e gestos. Apesar serem pessoas diferentes os comentários são os mesmos, entre eles: as faltas mal resolvidas, perguntas ignoradas ou isoladas, respostas simples puladas, e a pior de todas a aceleração do processo. Os ruídos durante o processo é um problema que é necessário ser investigado e sensibilizado, esses ruídos seriam as inquietações, e passam a ser perguntas não respondidas ou negligenciadas para não "perder tempo" da chegada ao objetivo final, o que leva a corpa ou corpo não se sentir pertencente.

Em teoria a Dança e a Matemática passam pelo seguinte processo antes de chegar ao objetivo final:

O convite, primeiro contato entre coisa e pessoa (o cálculo oferecido);

O que se percebe e interpreta através da subjetividade, perspectiva individuais (lembranças das regras anteriores e aprendidas);

Escolhas de acionamento e prioridades tomadas (organizações das ideias e identificação das fórmulas a serem usadas);

O Movimento que faz sentido para você no momento (aplicação das regras, fórmulas e realização da contagem);

E por fim, o objetivo, forma ou movimento cristalizado (o resultado).

O que gera o não pertencimento a Matemática ou a Dança, seria justamente essas lacunas de compreensão do “por que?” das minhas escolhas não terminarem da maneira desejável e aceitável. A negligência da base, do básico, e do mínimo, pode ser o principal vilão da falta de pertencimento a essa disciplina e Arte, transformando-se em algo torturador e um forte convite à exclusão, afetando principalmente a corpa ou o corpo com esses ruídos não escutados. Sendo assim, a objetividade atropela o processo respeitoso do entendimento e nos leva a cobrança pelo acerto, ou seja, a preocupação ansiosa de chegar ao objetivo final. Além disso, o sistema não respeita muito o ritmo individual de cada aprendiz e isso também pode gerar ruídos, é nessa aceleração desrespeitosa que acontece os bloqueios.

A aplicação didática do professor ou professora é uma ferramenta poderosa que influencia muito em como o aluno ou aluna vai se incluir em determinado meio, se ocorre um problema de comunicação (possíveis faltas; dificuldades de entender) é preciso investigar para que não haja negligências maiores. O sistema nasceu para engessar a corpa ou o corpo e torná-los vítimas do automático, com isso vem a aceleração e a despeito sobre si, em outras palavras, o sistema não dá tempo ao tempo por um processo de prazer, somente enfatiza a exclusão se não acompanhar o ritmo desejado na sua objetividade, pois ele não permite a disciplina respeitosa do tempo individual de cada aprendiz, mas sim preza pelo preenchimento de tabela de notas e metas alcançadas. Por isso é importante dá luz a investigação dos ruídos e priorizar o processo ao invés do fim-objetivo, não que o fim seja menos importante, porém o processo bem aplicado transforma a Matemática e a Dança em ferramentas de potências e não o engessamento, ou medo de tentar essa Arte e disciplina.

Dando continuidade, a negligência na Dança e na Matemática é quando o fim-objetivo acelera demais (o resultado em um curto período de tempo), invade o processo do respeito (organização da ideias e lembranças das regras anteriores) e surge a dificuldade de interpretação (faltas; negligência de um boa base mapeada), não se sabe onde está o erro (ruído; perguntas silenciadas) muito menos respostas certas; isso causa frustração (escolhas ou resoluções “erradas”), e por fim, dizem “ eu

odeio matemática”, “isso não é para mim” ou “eu não gosto de Dançar”, “eu não sei dançar”. A última afirmação é triste, sensível e ausente de pertencimento, porque quando mencionada é como se a pessoa tivesse me dito “não há espaço para mim nessa Arte, não irei tentar porque sei que me rejeitaram!”, porém ela não sabe explicar o “porquê?” só sabe que não sabe dançar, o que é um equívoco; e fica visível o “não vão aceitar o meu movimento, porque não adere aos seus objetivos finais”, ou seja, a pessoa se exclui dessa ferramenta cheia de possibilidades e potencialidades porque não se vê nela. De fato, a pessoa tem razão, a Dança apresentada de maneira superficial sem vida, pode ter esse ar de “eu sou para algumas/alguns corpos ou corpos”, entretanto nessa pesquisa tento ressignificar a Dança sobre esse pensamento concretizado do senso comum. Na Dança ou na Matemática, sentia muita dificuldade quando iniciei, pois, os professores e professoras não sabiam explicar o processo do movimento, a organização do cálculo, ou apenas não davam atenção para isso, pois queriam que eu chegasse no determinado objetivo-fim, era frustrante e desanimador, não tinha prazer em aprender a Matemática ou algumas técnicas de Dança.

Assim como Klauss Vianna ⁶buscou por explicação do “por que?” fazer tal coisa e recebia do seu professor “é isso que deve ser feito!”, esse estudo vai com esse viés de fazer do jogo um sentido, e dá respostas para as perguntas negligenciadas, e não só para entretenimento, como o senso comum cristalizou a Dança. Busco por uma Dança mais inclusiva a um corpo ou corpos que não se sente pertencente à sociedade e à Arte, trago novas perspectivas e possibilidades, o foco aqui não é ensinar a dançar com técnicas e movimentos mirabolantes, porém sim entender a nossa Dança individual, abraçar os processos, os caminhos do movimento dessas corpos encarceradas. Sendo assim, a pessoa pode criar uma conexão consigo mesma através da Dança, criando autonomia do próprio movimento sem medo, mas para isso é necessário um corpo disponível e permissível, porque nada obrigado faz bem.

⁶ Klauss Vianna foi um importante coreógrafo e pesquisador brasileiro que revolucionou a Dança no Brasil ao explorar a relação entre corpo, movimento e consciência corporal. Ele desenvolveu métodos que uniam Dança, Teatro e técnicas de respiração, ajudando artistas a se conectarem mais profundamente com seus próprios corpos. Sua abordagem influenciou gerações de bailarinos e atores, promovendo uma forma de movimento mais natural e integrada.

Além disso, a mediadora deve entender o ritmo dessas corpas, identificar com um olhar sensível suas dificuldades e faltas, para que juntos possam chegar a determinado fim-objetivo de maneira respeitosa. Como que inicia esse processo? Através da investigação, tanto da mediadora no seu modo de estimular e sensibilizar, quanto da corpa no seu modo de permitir e autoconhecer, caso o processo seja acelerado ou negligenciado, não há aprendizado e pode gerar bloqueios, e por fim não há pertencimento. Essa parte do texto reflete momentos sensíveis cercado por minhas experiências e subjetividades de infância à vida atual, mas a sistematização da técnica Klauss Vianna, trouxe uma luz ao meu processo de pertencimento à Dança.

1.5 Quem quer ser Lívia?

Eu quero ser Lívia Natividade da Cruz, ser a artista Lívia Cruz, e dedicar minha Arte à vida, priorizar a escuta sensível, a escuta da corpa ou corpo, a explorar movimentos e investigar potencialidades, apesar disso entender que sou uma mulher não branca, feminista nas atitudes, com foco em uma sociedade inclusiva, a artista que sou eu, é antes de tudo uma pessoa oprimida-opressora tentando se resolver na solidão e abraçando a coletividade, mas ainda assim não nasci para ser objetiva e muito menos entendida. A persona Lívia Cruz, no qual eu já fui e busco ressignificá-la, já é um fim-objetivo (extensão, completude) e tem desejos efêmeros, sua beleza é heteronormativa e empodera outras mulheres, virou um produto do capitalismo, além disso, aceita críticas construtivas e destrutivas; apesar de ser oprimida tenho um imenso carinho por ela, pois é onde eu encontrei coragem e permitir minha corpa a errar.

Hoje em dia reflito, respiro e questiono o óbvio, principalmente quando ele não faz mais sentido para mim, transformo o óbvio através da minha subjetividade em complexidades, tento resolvê-los, na maioria das vezes não consigo, entretanto crio perspectivas de ver mundo. Às vezes, penso que sou pensadora contemporânea, mas também não me sinto pertencente à filosofia ou melhor é uma escolha minha não assumir tal possibilidade, potencialidade e responsabilidade. Uma vez eu escutei a pergunta “faz sentido pra você?”, outra vez dei atenção para o seguinte comentário “não procure tentar explicar o sentido “certo” do seu movimento, sua Arte faz sentido pra você? Se a resposta for sim, isso que importa!”. De fato, a vida é um constante

movimento de Artes, porém nem todos tem a obrigatoriedade de escutar, sentir, interpretar e entender, de maneira objetiva sua Arte; diferente da comunicação que é necessário passar o conhecimento através de ferramentas, quando se faz Arte o processo de escolha vai muito além da sensibilidade objetiva, é uma espécie de hiperfoco sensorial; sendo ele positivo ou negativo, algo chama a sua atenção sobre determinado movimento (falas ou gestos) e por isso acontece as iniciativas de “quero escuta-lo, senti-lo, interpreta-lo e entende-lo”. Por essa razão, é importante a consciência sobre si, para que não haja imposições rígidas e opressoras sobre nossas corpos e corpos. A coletividade é um meio de trabalhar a sensibilidade, pois está cheia de subjetividades e experiências, abre portas para o entrelaçamento das Artes, cria possibilidades e novas potencialidades. E se, porventura, a escolha for movimentada por um acúmulo de faltas, abusos e negligências, o ato deve ser questionado, porque nada forçado é saudável e bom, e as Artes devem ser direcionadas sempre em prol da dignidade e do amor.

Já refleti por um longo período e descobrir que eu não sou para fins, objetivos ou respostas, sou apenas uma pessoa subjetiva e essa subjetividade me transforma em alguém especial, porque diferente da massa de pessoas, eu não me contento com o senso comum, e com isso busco “me inquietar, para me aquietar” (Afonso, 2023). Tenho hiperfoco pelo negado, o excluído, o “tá errado” e o “não é assim”, pelo simples fato de imposição de poderes e disciplinas rígidas, não há escolhas (livre arbítrio) no poder.

Sendo assim, eu como artista Lívia Cruz, fico incomodada com o conformismo da massa e a carência de atenção a outras perspectivas de vida, a hipocrisia de um pertencimento visivelmente excludente, o que costumo chamar de caixas, formas ou movimento cristalizado; não faz parte da minha essência aceitar verdades concretas e objetivas, só finjo que faz sentido para entrar no meio do sistema de pertencimento, brincar de entendo quando eu não entendo. Por fim, fico refletindo dentro do meu consciente, sobre o que é certo e o que é errado, eu abraço minhas inquietações na solidão, e muitas vezes, não tenho respostas concretas. Acredito e defendo que a vida é um constante movimento, se cria, se vive, não faz sentido depois de um tempo e se

reconstrói, surge novas perspectivas de vida e novos hiperfocos⁷. Por isso, gosto da Dança, pois quando penso em vida, vejo o movimento, a Arte, o entre, o caminho, as possibilidades, e por fim, enalteço os processos e não a objetividade do progresso.

Acho interessante chegar a um fim, só nunca cheguei até ele e agradeço todos os dias por essa oportunidade de poder sempre fazer escolhas novas, e optar por o que faz sentido para mim no momento; vivo em uma constante investigação corpórea, sendo ela respeitosa e amorosa, individual e coletiva, eu dedico a Arte à vida e não a vida à Arte.

⁷ O hiperfoco é quando uma pessoa fica extremamente concentrada em uma atividade ou interesse, a ponto de perder a noção do tempo e ignorar tudo ao redor. Isso pode ser algo positivo, pois permite um alto nível de produtividade ou aprendizado, mas também pode ser desafiador, especialmente se a pessoa tem dificuldade de mudar o foco quando necessário. O hiperfoco é comum em condições como o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e pode aparecer em outros contextos.

2 CAPÍTULO 1 – DANÇA

Nesse capítulo vou apresentar um pouco do contexto Dança e como ela se torna uma ferramenta engessada, também falo um pouco do seu trajeto codificado e excludente para determinadas corpas e corpos. Hoje posso identificar que Dança a minha corpa abraça, entretanto para eu ter entendido eu preciso passar por ensaios eurocêntricos que muitas vezes achei difícil de decifrar, vou tentar explicar de forma simples para familiarizar qualquer pessoa à Dança, a fim de descobrir a sua Dança e se sentir pertencente a dançá-la. A Dança é uma ferramenta para descobrir potencialidades, o movimento que atravessa o pensamento e busca se tornar um símbolo de comunicação, como um simples gesto, uma articulação, uma respiração, uma pulsação, já se pode dizer que você está dançando, mesmo que inconscientemente, ela é uma caminho para a manifestação do ser humano, e tenta adquirir seu espaço e pertencimento de pouco em pouco, é uma Arte viva que conta uma história cheia de perspectivas e singularidades, pode ser usada como uma extensão da(o) corpa(o), e tem que fazer sentido para você, ou pode passar um comunicado se essa for a proposta do movimento (Tadra *et al.*, 2009).

A Dança nos momentos iniciais foi uma forte aliada da hierarquia do poder e da corte, não é à toa que algumas corpas e corpos ainda não se sintam pertencentes ao balé clássico, visto que foi criada pela supremacia branca e rica. Essa ferramenta passou por transformações até a contemporaneidade, existem vários estigmas de padrão corporal quando se fala de Dança “qual a(o) corpa(o) que Dança?”, na época clássica, por exemplo, era evidente que o movimento pertencia somente para os da classe dominante, surge com o tempo no contexto histórico a desconstrução do belo e do perfeito. Também teve épocas que considerava um pecado a corpa ou corpo dançar, designado de profano, e se dividia entre o artístico e sagrado. Essa Arte antes de tudo é uma ferramenta, pode ser um percurso para alimentar potencialidades através das possibilidades, qualquer manifestação corporal que tenha um sentido pode ser considerado Dança, o movimento por si só revela da história sensível da corpa ou corpo a uma denúncia de protestos. Se tem movimento existe Dança, por isso digo que dançar é vida, e se tem vida tem movimento. Reflito diariamente sobre épocas e séculos, e as características do seu tempo; hoje em dia temos o privilégio de ver a Dança nas ruas de periferia, porém na época clássica só quem tinha dinheiro

podia acessá-la, pelos teatros e cortes. Por isso, gosto de coletividades é a potência da mudança social, que dedica a Arte à vida, ressignificando essa ferramenta com vivências e experiências poéticas, “Eu Danço minha história de vida” (Venâncio; Costa, 2005).

No percurso histórico, o entrelaçamento da(o) corpa(o) e Dança está cercado de “[..]dualismo, do preconceito, subserviência, do culto ou da expressão” (Venâncio; Costa, 2005, p. 158). Além disso, a forte influência do cristianismo, transformou o ato de dançar em pecaminoso. Assim, o ser que dançava foi denominado, de maneira pejorativa, o ser do mundo; entretanto, tanto a nobreza quanto a classe baixa, pobres e negros, foram instigados a dançar; o corpo expressivo de crença, cultura e história distinta ao cristianismo era considerada vulgar; no período do reinado de Luís XIV, era o corpo do homem que dançava; seu “aperfeiçoamento” se deu por nomenclaturas e códigos criados, isso até as tecnologias das sapatilhas de pontas dominarem a época, e o critério do corpo longínquo, nisso se destaca o corpo feminino nos balés românticos (Venâncio; Costa, 2005).

No século XX, a mudança começou a surgir e novas possibilidades de movimentos entraram no contexto da Dança, ou seja, além da técnica do balé clássico, que era muito codificado, rígido e muito objetivo, o movimento adotou aos poucos a subjetividade humana, adquiriu a permissão de interagir com o meio ambiente, os espaços, e usufruiu também dos pés descalços como novas experimentações corporais. O marco de pluralidade, que seria o convívio com novas culturas e corpos ou corpos dançantes, surgiu a partir da Dança Moderna, a técnica foi surgindo por meio das intervenções de Isadora Duncan, Garaudy diz que “Dançar é, antes de tudo, estabelecer uma relação ativa entre o homem e a natureza, é participar do movimento cósmico e do domínio sobre ele” (Garaudy, 1989, p.14). Dessa maneira, novas linguagens foram sendo abraçadas à Arte de Dançar, e os movimentos aos poucos abrindo brechas para um pertencimento maior de outras corpos e corpos.

Por fim, para essa breve introdução sobre a Dança, chego à Dança Contemporânea e Improvisação, são movimentos bem mais articulados e assimétricos, que foge do senso comum, usando algumas bases de balé Clássico e fluência de movimentos da Dança Moderna, esses estilos de Dança abraçaram o ritmo e a musicalidade, talvez até mais inclusivo para algumas corpos e corpos, mas

não deixa de ser extremamente técnicos, e mesmo assim ainda pode ocorrer o engessamento do movimento, por conta da precisão de chegada a uma determinada forma, e caso ocorra negligências sobre corpas e corpos, pode nos lesionar, isso porque técnicas como a de Laban⁸ trabalha muito a questão do peso e espaço-tempo. E por fim, as percepções e sensações, as emoções e sentimentos, começam a caminhar com a Dança. (Venâncio; Costa, 2005).

2.1 Dança em Penitenciária

Nesse capítulo irei mencionar um pouco da Dança já inseridas nas penitenciárias em diferentes regiões. O estudo dos autores Cantorani *et al.* (2013) fala da Dança como uma ferramenta de potencialidade para a qualidade de vida dessas corpas e corpos que estão inseridas no sistema penitenciário, e afirma que as pessoas em condições de encarceramento após o contato com a Arte, tiveram novas perspectivas de vida dentro da possibilidade e situação atual, isso porque começaram a adotar uma conexão consigo mesma de maneira profunda e criaram autoconsciência sobre si. Além disso, a Dança pode ser uma metodologia alternativa de educação, sendo confirmada nesse estudo, é como um caminho de expressividade constante que nasce a oportunidade de apaziguar e regular conflitos internos e melhorar o convívio externo, ou seja, durante o processo de autoconhecimento e respeito por sua história de vida, a corpa ou o corpo, cada dia mais se sente pertencente à dignidade, logo depois se inicia o processo de emancipação individual, e o objetivo-fim é alcançado, entretanto é uma consequência do processo constante, com isso, as escolhas tomadas passam a ser mais conscientes e respeitadas, melhorando a comunicação com o outro, isso se mostra nas conversações, falas e gestos das pessoas que tiveram o acesso à Dança em um trabalho articular.

⁸ Rudolf Laban (1879-1958) foi um coreógrafo e teórico da dança. Ele criou o Laban Movement Analysis (LMA), um sistema para observar, descrever e analisar o movimento humano. Os principais conceitos de Laban incluem:

- Esforços: Como usamos energia no movimento (leve/pesado, direto/indireto, rápido/lento).
- Espaço: Como ocupamos e nos movemos no espaço ao nosso redor.
- Corpo: As partes do corpo que participam no movimento.
- Forma: Como o corpo muda de forma durante o movimento.

Não muito distante, a pesquisa de Mariano e Graup (2024), “Quem dança seus males espanta? Dança como prática promotora de saúde no SUS”, diz que as práticas poéticas da Dança no sistema penitenciário, deu uma luz da autoestima à saúde física nas pessoas, também reduziu os pensamentos de turbulências, conta que através da ferramenta seus corpos dilatavam e seus movimentos se transformavam em liberdade e flexibilidade; nesse caso, a Dança foi direcionada como um método de atividade física, e logo, se percebeu mudanças individuais, mas também de maneira coletiva, mesmo sendo em um presídio, um espaço excludente e hostil, as pessoas escolhem nos mostrar suas Artes por meio dos seus movimentos manifestados e buscar por alternativas de sobrevivência, além disso, o estudo afirma que a Dança possibilitou um relaxamento corporal, onde as dores ou ruídos como o estresse, ansiedade, falta de humor e qualidade de sono foram melhorando com o tempo.

O artigo “Um estudo de caso sobre os benefícios da prática da dança para mulheres no conjunto penal feminino em Salvador” produzido por Bonfim e Santos, em 2020, aplicou aulas de Dança coreografadas para mulheres encarceradas, com o objetivo-fim de uma melhora na qualidade de vida. Apesar de ser uma coreografia de Dança, elas se sentiram pertencentes a participar das aulas, é interessante pensar também que o ritmo que elas escolheram como favorito era pagode-axé. Além disso, esse estudo mostra à significativa mudança em suas autoestimas. Com isso, o que prende minha atenção nesse artigo é a ênfase que os autores mencionam sobre uma construção de identidade; leva-me a pensar no apagamento de seus nomes e suas histórias acerca das designações estereotipadas, e é lindo saber que a Dança pôde contribuir nesse processo de construção de identidade e comunicação social.

A Dança tem um poder que chamamos de o processo de sublimação, no qual a transferência de nossas dores se transforma em movimento de emancipação e organização da corpa ou corpo. É lindo pensar que dentro do sistema penitenciário podemos ver momentos de liberação e expressão artísticas como uma alternativa para se sentir bem. Alguns estudos nos conta sobre as dificuldades que as mulheres passam dentro do sistema carcerário como as “necessidades voltadas a saúde física, a maioria das encarceradas sofrem problemas psicológicos como neurose, fobias, depressão, ansiedade, automutilação e suicídio, em grande proporção em relação a população em geral” (Abreu,2023, p. 3719). Outra sublimação de movimentos, no qual reflito é sobre suas denúncias e inquietações; Abreu (2023) conta que alguns crimes

cometidos pelas mulheres estão direcionados ao tráfico de drogas, e em massa, suas corpos manifestam suas insatisfações de estarem “pagando pelo crime que não cometeu”, e da expressão corporal há as denúncias de não pertencimento, como os crimes feitos por assimilação já que estavam no mesmo ambiente de seus companheiros e conjugues, esse ato de contar a história com a corpa ou o corpo é totalmente subjetivo e não pode ser medido e muito menos analisado através de números e progressões. Mas sim, pode ser abraçado e respeitado por meio dos processos de sublimação na Dança.

O movimento da corpa ou corpo é um ato político (ação), as questões de insalubridade sobre as negligências também se fazem presente nas denúncias através de seus processos corporais, por exemplo, na pesquisa de Batista e Lara (2019), fala sobre as faltas de produtos básicos de higiene pessoal à encontrar fezes de rato nas comidas, gerando casos extremos de indignidade humana, é triste saber que dentro do sistema penitenciário esse tipo de situação pode ser frequente, e fazem as mulheres pagarem duas vezes mais pelos seus crimes, retornando a uma espécie de suplício de Michel Foucault, porém mais camuflado e “aceitável” atualmente.

Sendo assim, o que atravessa minha corpa de uma forma mais intensa, talvez por ser uma mulher, é a questão de abandono e profunda solidão dos presídios femininos, vejo o quanto a sociedade brasileira está cercada pelo machista e patriarcado quando leio a pesquisa de Abreu, que diz “as famílias brasileiras não se importam em visitar traficantes homens, mas tem vergonha de manter contato com a chamada mulher do traficante” (Abreu, 2023, p. 3718). Acho pesadas as designações sobre as mulheres, seus nomes desaparecem e o respeito não existe mais no momento que provam para a sociedade que é uma pessoa antes de tudo e possuem desejos, vontades e escolhas através do meio inseridas e o que faz sentido para elas no momento.

Para finalizar esse capítulo simples, digo que a Dança não é apenas para entreter essas mulheres, isso não faz sentido para mim, é um caminho sim para a liberação e expressividade, mas também um ato político sobre corpa(os) marginalizada(os), a corpa política ou corpo político é uma alternativa de transformar suas histórias e quebrar estereótipos já designadas aos suas corpos e corpos. Movimentos não nasceram para serem inocentes, muito menos serem apenas “bonitinhos” ou por puro entretenimento pensando no capitalismo e no contexto do

senso comum, falar de Dança é também falar de denúncias, de manifestação, de sublimação de indignação, as mulheres em condições de encarceramento que permitem o processo entrar em suas vidas se amam todos os dias a cada dia mais e respeitam a suas histórias. “É de interesse da análise compreender que a dança pode subsidiar o processo de resgate e o empoderamento das mulheres encarceradas” (Santos; Bomfim,2020, p.22). É muito além do empoderamento, pois se trata de pessoas antes de tudo e é necessário conexões, primeiro consigo (amor-próprio), depois com o outro (amar- ação), ou seja, autoconhecimento e processo de trabalho coletivo, juntando todas as histórias com respeito, adotamos o processo de emancipação coletiva.

3 CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÕES E SENSAÇÕES

No capítulo seguinte, falo sobre Percepções e Sensações e adoto a escrita acessível para que esse meu simples conhecimento chegue até o leitor ou leitora, busco através da minha escrita subjetiva e poética mostrar o lado sensível da Dança.

A percepção é nosso primeiro contato com o mundo, o que percebemos ou deixamos de perceber é uma questão de escolhas, ou seja, a percepção é um estado de consciência maior dos nossos atos. Imagine um bebê, é difícil para ele lembrar o que aconteceu exatamente nos seus primeiros dias e meses de vida, isso porque suas percepções de mundo não são tão estimuladas quanto à de uma criança ou adulto. Entendi um pouco sobre percepções através do livro “A trilha menos percorrida: Uma nova visão da Psicologia sobre o amor, valores tradicionais e o crescimento espiritual” do psicanalista M. Scott Peck, Vale ressaltar que é uma interpretação minha e pode estar equivocada. Sendo assim, vou resumir e dividir em 3º estágios o processo da percepção de um bebê não atípico:

1º estágio

Inconsciente- O bebê é a sua mãe. Estão entrelaçados, não se diferenciam e para o bebê sua mãe é sua extensão de corpo. A mãe é o primeiro contato de mundo de um bebê. O bebê não possui escolhas, só vontades e desejos inconscientes;

2º estágio

Cria consciência- A mãe se desliga do bebê. É o primeiro estágio de uma percepção, ou seja, o bebê se percebe (cria consciência), e entende que sua mãe não é ele. Isso porque suas vontades começam a não ser atendidas, como por exemplo: o bebê chora e a mãe não vem porque está ocupada ou cansada. Ele se percebe como ser diferente da sua mãe, e entende que suas satisfações (desejos) não são os mesmos de sua mãe. Dessa forma, o bebê começa a perceber o mundo ao seu redor, as cores, as linhas, os movimentos, os sons etc., percebe tudo o que está fora do seu corpo e o que não o pertence;

3º estágio

A Consciência - A percepção trabalha junto com os hiperfocos, desejos e vontades. O bebê é estimulado através dos setes sentidos (olfato, visão, audição, tato, paladar propriocepção e equilíbrio ou sentido vestibular) pela mãe ou familiares. É nesse processo de ser estimulado que o bebê é induzido e apresentado para o mundo além da mãe, a conversação o leva a investigar e explorar novas formas, novos sons, novas cores, criando percepções concretas e conscientes. Após o processo da fala se cria perspectivas da vida. Isso porque o bebê vai criando uma identidade própria através de seus desejos e vontades. A partir daí ele vai criando autonomia e consciência de suas escolhas e atos, mas nunca deixará de ter a inconsciência, ela caminha junto com a consciência para sempre, é um sinônimo de pureza do corpo, uma ignorância inocente que pode ser investigada, estimulada, explorada e vivenciada, se acessada, e levada para o consciente.

É importante lembrar que o estado inconsciente total da corpa ou corpo é ruim, porque prejudica a comunicação social e a vida humana, já que não há uma conexão com o outro, relações e coletividade, só uma conexão profunda consigo mesmo, por isso é necessário manter o equilíbrio sempre, entre o consciente e o inconsciente. Mas voltando para o bebê, com isso, ele percebe coisas e aprende coisas, de preferência aquilo que chama sua atenção (hiperfoco), analisa os seus prazeres (desejos) e faz aquilo que tem vontades (ação), adota o processo de escolhas e as práticas nas vontades, começa a explorar o mundo de dentro para fora, mas sempre pensando em suprir suas necessidades básicas de vida digna como “eu quero aprender a falar mãe para me comunicar”, “eu quero chorar, porque estou com fome e preciso me alimentar”, “eu quero tentar dormir, porque estou cansado e com sono”.

Ainda sobre percepções, o estudo de Machado (2011), fala sobre interpretações organizadas, que seria essa percepção consciente (3º estágio), a corpa ou o corpo, em sua autonomia, passa pelo processo de dialogar através do movimento. Sendo o movimento considerado a própria Dança da vida. Cada pessoa tem suas percepções de mundo, todas diferentes, independente do meio que foram inseridas. Como essa pesquisa é para as corpas marginalizadas, e elas são designadas bichos e indignas pela sociedade, nesse estudo as suas subjetividades e perspectivas de vida vão ser abraçadas e escutadas, respeitando suas percepções

de mundo, considerando (processo de autoconhecimento da própria história) e desconsiderando (como sinônimo de resignificação) o meio que foram inseridas. Além disso, as escolhas devem fazer sentido para a pessoa no momento, mas nossas vontades e desejos precisam ser respeitadas com o outro (empatia) antes de qualquer coisa para não invadir a pessoa e machucá-la, tudo forçado não é bom. Uma simples percepção é muita história para contar, a Machado chama isso de processo psicofisiológico, que seria uma conexão consigo, entendendo a própria história e projetando através da corpa ou corpo suas vivências com objetividade para o mundo.

Passando um pouco para os sentidos da(o) corpa(o), vivemos em constante contato com o ambiente e as vezes com as pessoas, se perceber não estamos flutuando o que significa que existe uma força gravitacional constante que nos puxa para baixo e precisamos usar determinados apoios.

Aprendi muito sobre contato através do Diego Pizarro e Jussara Miller, seus escritos buscam através dos sentidos entender esses apoios, o que toca e o que não toca, com um tempo os apoios viram posturas e as posturas se transformam em movimentos cristalizados. É interessante trazer o estudo do antropólogo Edward T. Hall, no qual ele diz que os sentidos são separados por categorias, a primeira seria os receptores à distância, ou seja, não há necessidade de contato com o ambiente para serem estimulados, como os olhos (processo de ver), o nariz (processo de cheirar) e os ouvidos (processo de escutar); a segunda categoria seria os receptores imediatos, ou seja, precisa de contato para se sensibilizar como a pele (processo de tocar), a mucosa (processo de lubrificar, proteger) e a língua (processo de provar, degustar).

Com isso, retorno a Machado (2011), para conversar sobre movimento e a diferença entre a quinestesia e a cinestesia. Quando o processo de percepção é direcionado para a quinestesia, usamos um termo chamado propriocepção, quando eu percebo o corpo no espaço(em qualquer posição) mesmo sem a presença do sentido da visão (olhos), é também uma consciência corporal, por exemplo: estou sentada em uma cadeira escrevendo esse trabalho de conclusão de curso, mas percebo como está o meu corpo, percebo minha coxa na cadeira e percebo meus pés tocando o chão, percebo através dos apoios e toques sensíveis, mas também percebo onde tá as minhas costas, panturrilhas e cabelo.

Por fim, percebo o meu corpo mesmo com a ausência da visão, também percebo os pesos e contrapesos (educação somática). Enfim, o próximo processo é a percepção da cinestesia, é um movimento partindo de uma interpretação perceptiva, por exemplo: eu quero um movimento em câmera lenta, participando desse comando eu vou buscar nas minhas vivências o que eu considero um movimento lento (interpretação), para assim aplicar na minha movimentação. Vale ressaltar que esse movimento vai ser muito subjetivo (individual) porque o que eu considero lento talvez você considere rápido ou constante. Por isso o movimento subjetivo é um contador de histórias, porque ele tem características diferentes, e ninguém pode contar a mesma história, nessa brincadeira de imitar o movimento do amigo é apenas uma interpretação sobre o movimento percebido e jamais será o mesmo movimento, independentemente de serem irmãos gêmeos, são pessoas singulares com percepções e interpretações diferentes “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Entro em um paralelo na percepção. O que faz sentido para você, talvez não faça sentido para o outro. Certa vez escutei a seguinte pergunta “faz sentido pra você?”. Nisso, a pessoa tenta apresentar a sua perspectiva e percepção de mundo através das conversações coletivas. Dessa forma, prezava pela comunicação, aplicava também o processo da escuta, sem negligências e com o objetivo-fim de passar sua interpretação subjetiva.

Assim, penso muito nessa pesquisa de TCC, adotar a escrita acessível é um ato político, a ferramenta da escrita acessível está sendo minha maior arma atualmente para lutar contra o sistema e não contribuir com a ignorância, é através dos símbolos (palavras) que estou escolhendo que tento transmitir o que penso e acho importante o outro saber e entender, talvez não faça sentido muita coisa que eu escrevi aqui, mas é o que faz sentido para mim no momento.

Assim, converso com o pensador Merleau Ponty, que diz o seguinte “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (Ponty, 1980, p. 84). Falar sobre familiaridade é um ponto muito importante na percepção, depois do 3º estágio que é a consciência, o primeiro contato que temos é o mais importante porque de lá que vão surgir nossas interpretações, podendo ser do “eu gosto” ao “tenho medo”. Esse processo é estimulado constantemente por nossos hiperfocos, desejos e vontades. Também pode ser apresentado para nós como uma surpresa, a mensagem quando transmitida pode ser

acessada de vários ângulos e perspectivas diferentes, a leitura subjetiva depende muito das experiências e vivências passadas.

Outra coisa que o pensador fala é a existência do objeto antes mesmo dele ser percebido, por exemplo: imagine a cor vermelha. A cor recebeu um nome porque surge de terras e argilas, e tem todo um contexto histórico. O ato de ser “vermelha” gerou um significado, para haver comunicação entre a massa, assim, todos aceitam que ela se chame assim. Reflito porque a cor recebeu tal nome (designação), e o porquê ela deve aceitar ser chamada de “vermelha”. Permito-me abrir uma brecha para falar de imposições, usando esse exemplo da cor vermelha, vejo uma imposição de poder sobre a sua existência percebida que não a deixa ser natural, mas sim, frutos de processos humanos, logo, não se torna tão natural assim mesmo sendo uma cor primária e passa a ser considerada uma matéria, orgânica?... Enfim, inquietações para uma próxima pesquisa.

Então, a percepção é esse jogo de interpretação subjetiva, ou seja, o que faz sentido para você no momento, e caso entre no jogo do senso comum o nome “encarna” e melhora a comunicação, ou não, apenas gera ruídos por contas das interpretações diferentes. Por fim, por um propósito final e objetivo todos entram em acordo com a designação imposta para facilitar a comunicação, ou seja, a cor recebe o nome de vermelha, que a leva adotar o nome de vermelha (obrigatoriamente) e você saberá que o nome dela é vermelha. Assim, reflito que muito antes da cor ser chamada de vermelha ela já existia, e talvez nem seja esse o nome dela, entretanto, transmite uma mensagem (significado) e faz sentido para a massa popular e ocorre exclusão entre as pessoas com daltonismo. (Ponty,1980).

Dando ênfase para os sentidos da percepção, Peres (2012) fala sobre seus processos criativos com afetações, ela apresenta o ambiente a sua corpa, e investiga como sua corpa reage ao ambiente através de uma conexão profunda e sensível. Também enaltece e contempla a unidade corporal, porque houve estudos anteriores que separavam o corpo e a mente, conhecido como o pensamento cartesiano, que dentro do contexto dualista separava o corpo da alma e não contemplava a conexão espiritual. Hoje em dia, temos que afirmar sempre que corpa ou corpo não se fragmenta de alma ou mente, são completudes e unidades, negar esse fato empobrece o poder das Artes Cênicas como ferramenta e processo de cura.

A percepção precisa de autocontrole e equilíbrio. No estudo “Dimensões do corpo e da alma?” de Freire (2005), ele tenta explicar um processo de dualismo, acredito que o conflito na sua pesquisa foi a falta de equilíbrio entre o inconsciente e o consciente, tratou a percepção de si totalmente orgânica, ou seja, aplicou designações sobre seu corpo de uma maneira descontrolada, e quando percebeu, já era quase uma entidade viva ou um ser totalmente inconsciente. Conversando com os escritos de M. Scott Peck, ele menciona o perigo da elevação exagerada e sem equilíbrio rumo ao crescimento espiritual.

Dessa forma um corpo inconsciente não se comunica com outro corpo, não tem o processo de escolhas, vontades e desejos, isso porque há desequilíbrio na conexão consigo. Adotar o “entre” é a melhor solução, assim, a pessoa equilibrada é tão consciente quanto abraçada pelo inconsciente, vive em uma balança constante e a conexão consigo e com o outro funciona.

O desequilíbrio no processo da espiritualidade, pode nos transformar em uma entidade totalmente inconsciente, assim como João Freire se autodesigna, em um vácuo, um vazio, sem percepções de si ou escolhas, vira a inicial fase da vida - a inocência de um bebê. Ter consciência, faz de nós seres comunicativos e coletivos, no momento que buscamos a transcendência de elevação espiritual acima do necessário, não contemplamos o equilíbrio e isso enfraquece o lado da sensibilidade com o ambiente, consigo e com o outro.

Assim, João Freire, investigou essa organização complexa que o cérebro adota para se auto conscientizar, ele usa a razão como esse meio comunicador que nos puxa para o equilíbrio, para prevenir o ato da inconsciência da corpa ou corpo, suas inquietações surgiram através da pergunta “quem eu sou?”, no qual procurou por respostas e acabou por um fim-objetivo de entidade viva. Seu pensamento é muito interessante para entender o processo de cultura, porém não irei me aprofundar em tal assunto.

Por fim, Freire problematiza a separação corpo-mente justamente por conta dessa falha na comunicação, pela falta de espaço para deixar essas corpos políticas se manifestarem através de seus movimentos, na Dança da vida. E ainda, fala sobre esse silenciamento da expressão corporal direcionado para a população pobre, crianças e operários, e identifica essa insensibilidade sobre os corpos marginalizados. Essa pesquisa é um caminho, uma possibilidade, para a libertação e liberação de

potencialidades das mulheres encarceradas no sistema prisional da cidade de Manaus.

4 CAPÍTULO 3 – DA DISCIPLINA À EDUCAÇÃO SOMÁTICA

Nesse capítulo, apresento um pouco da disciplina que antes era muito utilizada como ferramenta de adestramento do corpo, e passando pelo processo de ressignificação busquei transformá-la em uma disciplina respeitosa, em seguida, menciono as técnicas que vão ser as possibilidades desse estudo, sem a imposição de movimentos cristalizados, mas sim dilatados e permissíveis, optei pela educação somática nas experimentações corporais. Na primeira parte converso com os escritos do filósofo Michel Foucault, que fala de poder sobre o corpo, hierarquia de vigilância à anatomia política. Depois converso com os escritos do psicanalista M. Scott Peck que abriu um lindo caminho de reflexão sobre como usar uma boa disciplina a favor do nosso crescimento espiritual, além dele, a ativista feminista bell hooks nos contempla com sua escrita acessível, que fala da urgência de viver os ingredientes do amor em prol de uma sociedade mais inclusiva, e da importância de adotar uma sobrevivência poética. Para fechar o capítulo, converso com a Jussara Miller⁹ para aprofundar o conceito de educação somática na Dança, como um processo de “soma” em busca do movimento de conexão consigo e com o outro, sendo espiritual e terapêutico. Daí as perguntas “O que é disciplina?”, “A disciplina respeitosa existe ou se cria?”, “A disciplina respeitosa pode ser uma ferramenta de amor e transformação?”.

O filósofo Michel Foucault dedica um capítulo inteiro para falar de disciplinas, foco na docilidade do corpo, pois se trata de corpos marginalizados do passado até os dias atuais. Entre os séculos XVII e XVIII, o corpo foi silenciado e obediente, como objetos sem vidas, o que fragilizava o corpo e o tornava mecanizado; ele usa como exemplo o soldado, que passou por uma série de correções desumanas, como se fosse uma máquina automatizada e a perfeição era sua aceleração, em um curto período de tempo, até chegar ao objetivo final; esse corpo passava por um processo rígido de correções, trabalhava os micro detalhes de maneira repetitiva, só alimentava

⁹ Jussara Miller é uma artista, pesquisadora e professora brasileira especializada em Dança e Consciência Corporal. Ela desenvolveu trabalhos que unem Dança, Teatro e técnicas de percepção do corpo, inspirados em estudos como os de Klauss Vianna. Jussara busca formas de expressão que valorizem a singularidade do corpo e suas vivências, promovendo uma relação mais profunda entre movimento, emoção e identidade.

uma parte de suas potencialidades, não tinha espaço para expandir ou explorar outras movimentações. O adestramento do corpo é visto até hoje nas técnicas de algumas Artes, pois muitas vezes o objetivo-fim invade o processo e acontece o movimento acelerado, que é ausente de consciência e de respeito, só há repetições sem sentidos e repartições corporais “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, p.163). As forças se multiplicam de dores, como uma engrenagem simples que gira para um único sentido, não há escolhas nem permissões, explora apenas o que já conhece, sem possibilidades e o aprimoramento de potencialidades novas, o fim ganha do processo e o corpo se cansa da repetição. Dando continuidade, o poder adotava as disciplinas para ter um corpo potente em um único gesto:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (Foucault, p. 164).

A disciplina citada, foi um suporte silenciador do corpo subjetivo e não alimentava suas potencialidades e oprimia os movimentos singulares, isso porque qualquer outro movimento fora do padrão era desconsiderado, tudo em prol da aceleração e produtividade. Além disso, não bastava ser oprimido constantemente, o corpo era submetido a uma constante vigilância corporal, ou seja, um simples movimento (gestos) diferente, era denunciado como “errado” porque não obedecia ao mecanismo. O lema era a disciplina acima da pessoa, não tinha respeito, muito menos dignidade de vida, só a constante cobrança ao movimento rápido, eficaz e a pressão da produtividade. Se levo para o contexto da Dança é a época da técnica cristalizada, cheia de forma e muito objetiva, onde a precisão é mais importante que o processo, veio através das primeiras codificações do rei Luís XIV, mais conhecido como o Rei Sol. O mais triste, é saber que os corpos eram descartados quando não atendiam as expectativas do poder, e pior, hoje em dia, ainda usufruem de disciplinas com o método rígido de ensinar e engessar o corpo, em pleno século XXI.

Em uma tentativa de ressignificar o conceito de disciplina e entrelaçá-la à Dança, digo que é uma decisão a ser tomada de maneira respeitosa e com muita responsabilidade em prol da vontade de um objetivo-fim, e a Dança é uma ferramenta de possibilidades, caminhos e trajetos para o corpo, onde seu processo de escolha pode ser feito através da permissão, assim, começa a investigação dos incômodos, inquietações, faltas e negligências; depois de uma profunda análise das dores, o processo de conexão consigo pode ser vivenciado, e transformado em novas potencialidades, trabalhando tanto o individual quanto o coletivo. Para que a Dança e a disciplina respeitosa funcione é necessário que o processo encontre desconfortos, dores e inquietações, não é fácil apesar de parecer simples, pois exige muita concentração; essa ferramenta prioriza o autoconhecimento da própria história com respeito, o que se percebe, sente, e aciona quando inicia um movimento. Além disso, a corpa ou o corpo precisa estar ser flexível, com intuito de se expandir nunca de enrijecer, respeitando o processo do movimento. Toda corpa ou corpo foi alvo de dominação e sujeição um dia, por isso temos tantos movimentos mecanizados, cristalizados, engessados, cheio de formas e medos. Portanto, a disciplina respeitosa pode sim chegar a um objetivo-fim, mas o processo é mais importante.

Outra disciplina apresentada no livro de Foucault é a “anatomia política”, é um sistema que funciona e prejudica o corpo, ou seja, o poder do capitalismo acima das pessoas, corpos em constante vigilância e obediência “ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (Foucault p.164). Reflito sobre a anatomia política, o corpo é considerado um objeto dentro de uma grande caixa estrutura e hostil, sem valores e nenhuma dignidade. A época clássica classificava na prática o bom e o ruim, as pessoas com pouca agilidade, habilidade e eficácia, eram afastadas à classe inferior. Também, era comum trocar posições de pessoas, a fim de multiplicar movimentos semelhantes e transformá-los em forças produtivas. Sendo assim, uma corpa ou corpo considerada(o) fora do padrão, ou que apresentam comportamentos da desobediência sobre as sistematizações, é o que chamamos de uma corpa/corpo marginalizada/marginalizado, sendo assim, não tem direito de pertencer à determinada classe, e se torna uma corpa ou corpo excluída(o) da sociedade. Com

isso, aqueles corpos que se adaptavam as sistematizações do poder, no qual são constantemente desrespeitados, dão origem ao movimento de exaustão:

O que significa que se deve procurar intensificar o uso do mínimo instante, como se o tempo, em seu próprio fracionamento, fosse inesgotável; ou como se, pelo menos, por uma organização interna cada vez mais detalhada, se pudesse tender para um ponto ideal em que o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência (Foucault, p.180).

Um movimento acelerado da(o) corpa(o) por um objetivo-fim, no qual não há respeito pelo ritmo individual e vive em um sistema de progresso constante, ou seja, não é um movimento flexível, muito menos se projeta de maneira expansiva, só se percebe o engessamento do movimento. Portanto, reflito com Jussara Miller sobre as técnicas cristalizadas, que são as repetições de fórmulas sem entendimento, onde o objetivo-fim é o foco e o processo é desconsiderado.

No livro “A Dança”, Klauss Vianna faz uma passagem pela sua história no balé clássico no Brasil, antes de falar sobre o corpo como instrumento de investigação, menciona seu professor Carlos Leite, que dava aulas com princípios da educação alemã, o bailarino Klauss Vianna, quando percebeu que só repetia movimentos sem sentido para ele, com desrespeito ao seu corpo por conta da sua anatomia limitante, buscou questionar o método aplicado. Após suas experiências como bailarino e coreógrafo Klauss Vianna diz que “o problema é que os professores e bailarinos repetem apenas a forma e isso não leva a nada” (Vianna, p.30).

Penso em acessibilidade, se há falha na comunicação não há inclusão porque a mensagem não foi transmitida e entendida para alguém que precisava de respostas. Da mesma forma é a técnica, se há ausência de explicações não há sentido no movimento, além disso, a pessoa pode ter problemas com a autoimagem, e não entender o próprio corpo, a consciência corporal e/ou organização corporal nesse caso é essencial, a busca por um fim antes de um começo é um caminho para os movimentos cristalizados e futuras lesões.

Por isso, o processo é um grande aliado de possibilidades, porque é necessário o autoconhecimento sobre si, o movimento tem que ser entendido para ser

potencializado, e tem que fazer sentido para a pessoa. Por fim, é sobre entender os acionamentos do corpo dormente, ou seja, acordar o corpo do sono profundo. Aqui nessa pesquisa a figura final é apenas uma consequência e deve ser considerada, mas não priorizada.

Também é importante falar de pertencimento quando apresentamos determinadas técnicas para as pessoas. Michel Foucault diz que “os aparelhos disciplinares hierarquizam, numa relação mútua, os “bons” e os “maus” indivíduo” (Foucault, p. 205). A disciplina, do não pertencimento, prioriza a classificação por “qualidade” e a competição entre as pessoas. Uma imagem de pirâmide vem em minha mente, como sinônimo de hierarquia, o incentivo para subir no topo é não sofrer com a realidade imposta sobre o corpo marginalizado e se sentir de alguma forma pertencente ao poder. Separar as pessoas reduz suas potencialidades, por essa razão o sistema capitalista funciona muito bem, da atenção para a desigualdade social e desencoraja a coletividade. Se as pessoas fossem colocadas acima do dinheiro, o movimento maior de revolução aconteceria.

O que mais me toca em todo o livro do filósofo é quando ele menciona a separação das pessoas por cores de vestimenta, como forma de organizar o pertencimento, reflito em pleno século XXI, pois as roupas costumam ser um sinônimo de hierarquia. Quando fui às prisões pela primeira vez em Manaus, a chefe que nos apresentou ao sistema penitenciário revelou a situação das roupas e suas classificações, o crime cometido é o que direciona o corpo à determinada cor, além do bom ou mal comportamento.

A farda amarela era pertencente às mulheres detentas em regime semiaberto, que atuavam em semiliberdade, poderiam até trabalhar fora para reduzir a pena para uma possível reintegração à sociedade; enquanto as com farda de cor laranja estavam em regime fechado, não podiam sair do presídio e consideradas as “mais perigosas”. Confesso que não fiquei em choque com as situações das roupas, mas teve um comentário me atravessou demais.

Foi incentivado o desuso de legging preta e as cores laranja e amarela das fardas. Isso, porque a legging preta era usada por namoradas e amantes de presidiários, com intuito de serem facilmente identificadas pelos olhares das autoridades com a designação “sou a mulher do presidiário”, dessa forma, foi proibido o uso das cores laranja e amarela pelos integrantes do projeto Arbítrio, no intuito de

não se igualar as pessoas em cárcere privado, adquirindo poder sobre suas corpos e corpos através das cores. Hoje vejo exclusão em tudo, na corpa/corpo marginalizada/marginalizado, nas pessoas silenciadas, nas faltas, nas negligências, nas perguntas não respondidas e no “você não merece ter cores diferentes, muito menos pode se igualar ao poder”, tudo se resulta na disciplina do não pertencimento e desrespeito. Por fim, reflito que a vida sem o movimento é uma vida engessado e triste.

Figura 2 – Processo de Sublimação através do movimento do sopro



Fonte: Desenho feito por José Mario Silva de Oliveira

4.1 Processo da Disciplina respeitosa

Nessa parte, conduzirei um conto sobre a palavra “disciplina” que parte de uma perspectiva opressora e desumana pelos escritos do filósofo Michel Foucault para uma ressignificação através dos escritos de bell hooks e M. Scott Peck. Assim, a palavra vai se reconstruindo até entrar em um estágio de processo da disciplina respeitosa. A palavra disciplina no livro “Vigiar e Punir” de Michel Foucault tem caráter totalmente opressor e desumano, mas ressignificá-la foi essencial para esse estudo.

Certa vez, uma criança ferida, chamada Renata, comentou com sua professora que não perdoava ninguém. A professora Sarah, logo percebeu que se tratava das negligências de infância da criança, o que resultou em carências de amor-próprio. E como um ato de amor (ação), a professora Sarah ofereceu um livro rosa muito amigável a pequena Renata, com o título “Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas” da escritora bell hooks. Como isso, a pequena Renata, que estava aprendendo a ler, iniciou seu processo de amor-próprio junto à leitura, trabalhando a solidão com o apoio de pessoas especiais. A Arte de bell hooks está em suas palavras, é um ato político da sua contribuição como cidadã adotar a escrita acessível, esses escritos são fáceis de decifrar, da poesia à educação. Entre todos os símbolos (palavras) fáceis de decifrar, a pequena Renata ficou entusiasmada para conhecer o psicanalista M. Scott Peck, que colaborou com a escritora a respeito da criação dos ingredientes do amor. Assim, ela tomou a liberdade de conhecer a Arte de Scott Peck “A trilha menos percorrida: Uma nova visão da Psicologia sobre o amor, valores tradicionais e o crescimento espiritual “. Logo, vê uma parte inteira dedicada à disciplina. Ficou curiosa e aos poucos foi se permitindo a ler a cada dia mais, e descobriu que tinha hiperfoco em livros que adotavam a escrita acessível. Assim, começou um relacionamento sério consigo e com seu livro, quando leu a seguinte frase “A VIDA É DIFÍCIL” (Peck, p. 19). Sentiu-se pertence a conversar com o autor, como se tivesse recebido um convite para tomar um café em uma tarde ensolarada.

M. Scott Peck, é psicanalista e uma pessoa antes de tudo que, assim como bell hooks, busca transcender à vida com amor e consciência dos seus atos e escolhas. Seu maior talento é escrever sobre a verdade. Além disso, sua escrita é uma Dança cognitiva de saberes, os olhos vão sendo conduzidos através das palavras, e o movimento do corpo ou corpa é convidado para vivenciar as histórias contadas. Com

ele, a pequena Renata aprendeu um pouco sobre crescimento espiritual, consciência, inconsciência e disciplina respeitosa, entre outras coisas.

Renata percebeu que estava em um processo de terapia profunda com a leitura, e a disciplina fez parte disso. A palavra “disciplina”, pelos escritos do filósofo Michel Foucault tem um significado pesado de opressão. Sendo assim, logo no início desse estudo, a palavra disciplina era considerada a própria técnica cristalizada. Entretanto, com esses dois livros, houve uma quebra de preconceito contra a palavra e gerou uma nova perspectiva, ou seja, criou-se um novo olhar sobre seu significado, por isso da pergunta do início desse capítulo “a disciplina respeitosa existe ou se cria?”. No livro Scott Peck fala:

A disciplina é uma caixa de ferramenta básica que precisamos para solucionar os problemas da vida. Sem disciplina não podemos resolver coisa alguma. Com pouca disciplina podemos resolver poucos problemas. Com total disciplina podemos resolver todos os problemas (Peck, p. 20).

Na terapia de Renata através da leitura, a palavra disciplina ficou ecoando em sua cabeça por diversas vezes, mas sem opressão, e sim com respeito. Aos poucos foi entendendo e praticando os ingredientes do amor mencionados por bell hooks. Além disso, foi criando compromisso (um dos ingredientes) com o livro de M. Scott Peck, pensando em crescimento espiritual. Foi adotando a disciplina respeitosa com o tempo, pensando sempre em retardar a gratificação como um ato de emancipação pessoal, ou melhor, criar consciência sobre suas dores e inquietações.

Retardar a gratificação é um processo de organizar o sofrimento e o prazer na vida com o objetivo de aumentar o prazer, encontrando e experimentando a dor para finalmente acabar com ela. É o único modo decente de viver (Peck, p.23).

Que esse livro é uma Arte, não tenho dúvidas, mas o mais extraordinário dele são os movimentos que nos conduzem e nos ensinam. M. Scott Peck, apresenta o “entre”, inconscientemente ou conscientemente, através das narrativas contadas. Ele

prática o que escreve e escreve o que pratica, por isso sua Arte é dizer sempre a verdade. O equilíbrio é apresentado por várias vezes com palavras e frases diferentes, havendo realmente inclusão, porque em alguns dos erros de Scott Peck, talvez a pessoa encontre o seu acerto. Assim, o autor nos provoca a refletir e entrar em um processo de escolha, ou seja, criar a responsabilidade sobre os seus atos de maneira consciente. Acredito que sua escrita não é nada inocente, não que seja agressiva ou do mal, mas é estrategista; consegue induzir o leitor ou a leitura, nas suas ideias e possibilidades, encontrando trilhas e caminhos. Com isso, a pessoa que se sentir pertencente pode alcançar a verdade desde que passe pelo processo da disciplina respeitosa, da autoconsciência à autoconfiança.

Os escritos da digna bell hooks além de ser uma sobrevivência poética é uma constante denúncia contra o sistema, sua Arte é uma revolução da massa popular marginalizada, e ressignificar a palavra amor (substantivo) com o uma ação (verbo), faz a diferença e a inclusão acontece. Não será surpresa nenhuma obras como de bell hooks, M. Scott Peck, Paulo Freire e Augusto Boal,¹⁰ sejam sujeitos a censura depois de um tempo, os escritos desses artistas das palavras propagam paz através de suas armas poderosas que podem mudar o sistema capitalista, entrelaçando a Arte, a consciência, a educação e o amor. E por fim, coloca as pessoas acima da ferramenta, e propagam a coletividade humana.

Dando continuidade, a terapia de Renata adotou os ingredientes de bell hooks como um ato de amor-próprio “Para amar verdadeiramente devemos aprender a juntar vários ingredientes: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (hooks, p.13). Para isso, ela teve que revisitar diversas vezes seus traumas e conflitos internos, nisso ela entrou em contato com a responsabilidade, no livro de Scott Peck, a pequena Renata descobre a respostas para todas suas dores “eu não sei perdoar”.

Com isso, entrou em um processo de conversa profunda com o psicanalista a respeito de feridas abertas e “escudinhos”, no capítulo que fala sobre “Neuroses e

¹⁰ Augusto Boal foi um dramaturgo, diretor e escritor brasileiro conhecido por criar o Teatro do Oprimido, uma forma de Teatro que busca dar voz a pessoas marginalizadas e promover mudanças sociais. Ele usava o teatro como uma ferramenta de reflexão e ação, permitindo que o público participasse ativamente das peças e buscasse soluções para problemas reais.

desordens de caráter”, a “verdade dói”, já dizer Scott. Renata percebeu que tinha os dois comportamentos tanto era neurótica, onde achava que o problema sempre era ela, não relaxava e muito menos percebia suas qualidades e potencialidades; quanto tinha desordem de caráter, onde transferia suas dores e responsabilidades para outras pessoas. Depois de chorar e refletir muito, Renata encontrou um ponto de equilíbrio no “entre”. E resolveu começar pelo começo, perdoadando a si mesmo por tantas designações desumanas impostas à sua corpa, como perdoou à quem um dia já lhe fez mal. E pronto sem choro, sem dores de cabeça. Certo? Não exatamente.

Renata entrou em um processo de crescimento espiritual solitário, transmitiu seu amor em falas e atos para todos e todas ao seu redor, com intuito emancipar os irresponsáveis que não assumem suas dores de infância, abraçou o mundo com as pernas. Entretanto, quando percebeu, estava em desequilíbrio novamente, ofereceu tanto amor ao próximo que não dedicou tempo para si amar, a pequena criança confusa cheia de dilemas, retornou ao processo de terapia com o livro de M. Scott Peck.

O importante aqui nesse estudo não é ensinar a transgredir, apesar de ser importante, mas sim criar possibilidades e fazer escolhas conscientes. Assim, Renata mostrou para o mundo que o perdão era a resposta para todas suas dores, ou seja, chegou a um objetivo-fim “se um deles se tornar um fim em si mesmo, será um substituto e não uma ponte para o desenvolvimento da personalidade”.

A criança acaba perdoadando seus abusadores que tiveram o desprazer de escolher invadir a sua corpa. E entrando em um processo de neurose inconsciente, a pequena Renata estava pulando o processo de escolha e progredia direito para o estado de assumir responsabilidades. Com isso, seus atos e escolhas de perdão eram automáticas e inconscientes.

Em uma tarde ensolarado, uma pessoa especial, artista de Teatro, cruzou a vida de Renata, e a trouxe novamente à consciência. A pequena, frustrada e cansada, volta com suas transferências de dores e faltas. Mas naquele dia tudo mudou, quando essa pessoa especial alertou que Renata estava ferida e sua corpa denunciava seus “escudinhos”. Entristecida, a criança escutou e refletiu sobre as verdades ditas, percebeu que estava ansiosa e sem o ato de amor-próprio, tentou levar o amor para o mundo, mas esqueceu que antes de tudo era apenas uma criança, uma pessoa, e

precisava de um tempo dedicado à si própria. E por fim, retornou para o processo de consciência e buscando o equilíbrio emocional.

O entre que a regulou, e trouxe novamente para o 3º estágio de consciência. M. Scott Peck diz que o processo de crescimento espiritual não pode ser ultrapassado para além da consciência, isso porque temos que viver em coletividade. Transcender é bom, mas tudo em excesso faz mal e pode ser perigoso, principalmente quando estamos vivendo em sociedade. Existem pessoas conscientes que fazem escolhas más, e para não ocorrer a invasão corporal, o desrespeito, é importante ter o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente; “É a capacidade de tomar decisões com o máximo de consciência. É a consciência” (Peck, p.299). Dessa forma, é importante adotar os significados para manter a boa comunicação, são eles que nos puxam para a consciência, no inconsciente não há comunicação, muito menos coletividade. A elevação exagerada é um processo de des- percepção, não há autoconsciência, e por fim não há uma unidade corpa ou corpo (pessoa); vira uma espécie de entidade ou se torna novamente um bebê inconsciente. “Elas agem com pouca compreensão dos seus motivos e sem saber quais são as ramificações das suas escolhas” (Peck, p.299). Manter o equilíbrio, o entre, é ter possibilidades para fazer escolhas, pode ter seus fins-objetivos, mas o processo é sempre mais gratificante, é um movimento de fluência, confluência¹¹, flexível, dilatado e expansivo, que não se engessa ou concretiza, mas cria conexões consigo e com o outro.

Sendo assim, tudo bem se o resultado não for positivo, as vezes o erro é um acerto. “Muitas vezes estamos no escuro quando temos mais certeza, e mais esclarecidos quando estamos mais confusos” (Peck, p.299). Portanto, questionamentos são bons, incômodos são bons e inquietações são boas; isso porque o óbvio, as vezes não é tão óbvio; e o que faz sentido para mim, talvez não faça sentido para o outro. Com isso, vamos gerando a comunicação com o outro, criamos autonomia sobre nossas escolhas e atos de maneira consciente, e isso não pode ser

¹¹ No contexto de Jussara Miller, confluência significa o encontro de diferentes aspectos do corpo, mente e emoção que se integram para criar movimento e expressão. É a ideia de que tudo no corpo está conectado e trabalha junto, como respiração, sensações, pensamentos e sentimentos, influenciando a maneira como nos movemos e interagimos com o mundo. Para ela, o movimento não é só físico, mas também carrega histórias, emoções e relações, formando um fluxo único e orgânico. Essa visão valoriza a autenticidade do corpo em cena e na vida.

fim. Fins não existem, é uma nova possibilidade de ressignificar. Portanto, o processo da disciplina respeitosa é justamente trabalhar o entre “o que eu quero” e “o que eu não quero”, “o que faz sentido para mim” e “o que não faz sentido”; a escolha é nossa ponte, nossos caminhos, nossas trilhas e o processo da disciplina respeitosa nos faz adotar a consciência para atos revolucionários. Para esse fim que não existe, a permissão também faz parte do processo da disciplina respeitosa, e a escolha consciente com responsabilidade e amor, é dedicar nossa Arte à vida.

4.2 Por que educação somática?

Em momentos de aceleração e ansiedade, descobri que respiro quando escuto as palavras “meio”, “processo”, “caminho”, “vida”, “movimento” e “flexível”. Por essa razão, penso na técnica Klaus Vianna, a Dança e a educação somática, como ferramentas de possibilidades e liberação de potencialidades, nessa pesquisa o processo é mais importante que o fim-objetivo, a pessoa estimulada, tem o livre arbítrio de escolha e permissão durante todo o processo, focando em conexões e disciplinas respeitosas.

O que se oferece na educação somática é o ato de acordar o que estava dormindo, em um processo de investigação corporal consigo mesma, e depois com o outro, trabalhando conexões profundas, o autoconhecimento, autocontrole e autoconfiança, o ritmo de cada pessoa é respeitado, e todo movimento manifestado é bem-vindo a ser explorado sem julgamentos, evitando a forma, movimento engessado e cristalizado.

Um movimento conta uma história de vida, se a própria pessoa entender suas dores musculares, ela saberá curar por si só os incômodos, com a Arte da disciplina respeitosa. Assim, a técnica Klaus Vianna está sendo um percurso abraçado nessa pesquisa, pois na sua abordagem ela prioriza a escuta da corpa ou corpo, gerando do autoconhecimento à autoestima, o que para mulheres em condições de encarceramento é muito importante por conta do autocuidado; haja vista tantas designações sobre suas corpas, fica nítido a distorção de autoimagem através dos seus gestos e falas.

Dessa maneira, é importante revisitar a própria história e lembrar de seus nomes, por meio da Dança percebi corpas e corpos dilatadas e dilatados, movimentos

livres mesmo em um ambiente tão hostil, como processo de relaxamento corporal; surge na minha frente umas novas mulheres bem mais articuladas, isso de alguma forma as organizam de tanta desumanidade. Ainda assim, vejo seus movimentos não são tão inocentes assim, tem propósitos, principalmente quando revelam denúncias e as manifestam em suas brincadeiras dentro dos presídios, de maneira consciente ou inconscientemente. Jussara Miller ao falar da técnica Klauss Vianna aborda o seguinte:

o que geralmente se observa no início do processo é a ausência corporal, ou seja, pessoas com distanciamento do próprio corpo, falta de contato e de atenção corporal, autoimagem distorcida, receio do próprio movimento, queixa de má postura, cristalização de padrões posturais, dores e “crispações” (Miller, p .51).

É preciso entender as nossas dores ou ruídos, porque é nelas que encontramos uma tensão maior, logo, movimento repetitivo, automatizado, nem um pouco saudável ou flexível. Toda corpa/corpo é importante: membro, pele, osso, músculo etc., quando acontece as pequenas dores, que não são tão pequenas e muito menos inocentes, é um chamado de atenção especial para aquela região, como quando precisamos de água porque sentimos a sede, ou quando precisamos de comida porque sentimos a fome.

A fome e a sede são exemplos de ruídos e dores. Quando sentimos dores é porque algo não está bom, houve negligência/esquecimento de movimento e precisa ser investigado para retornar a funcionar e novamente criar vida. Assim, resalto a importância da investigação corporal diariamente, aprofundando e se permitindo a expandir, até chegar em um estado de consciência sobre as partes esquecidas da corpa/corpo.

Com isso, até a comunicação com o outro se torna melhor e mais agradável, criando relações individuais e coletivas, com a ausência de sobrecargas e a prevalência do respeito, pois socializar com dores é frustrante, causa irritação, e ocorre as transferências. Os problemas mal resolvidos são lançados nas falas, gestos e escolhas. Quando as dores são reveladas e percebida com agressividade, os olhares que não se sensibilizam com as corpas marginalizadas, as designam como

um bicho ruim e sem caráter, dificilmente enxerga a pessoa antes de tudo, e a mesma se torna alvo de exclusão social. Quando me refiro a técnica, vale ressaltar que o objetivo aqui não é a forma como prioridade, mas sim, o percurso, o processo e a investigação inicial, como diz Jussara Miller:

Devemos partir do princípio de que, em um processo iniciante, o professor da Técnica Klauss Vianna pode deparar com pessoas que não têm contato sensível com o corpo, que desconhecem as próprias limitações e/ou têm uma auto-imagem distorcida (Miller, p.58).

O princípio, o começo são tão importantes quanto o fim, arrisco a dizer que é até mais importante que o fim, pois é a partir do primeiro contato que vamos ter as permissões, e a consequência da vontade de querer se auto investigar. O processo, precisa virar amigo de quem o recebe para não assustar, nem impor nada, só se apresentar e esperar por permissões, com isso dou um ar de familiaridade entre a técnica e a corpa, para sim acontecer o diálogo entre a corpa/corpo e o movimento, também é necessário dá atenção as dúvidas e queixas que surgem durante o processo, nunca as ignorar, mas sim abraçá-las.

A palavra técnica exige de uma constante disciplina. Caso seja aplicada de forma brusca pode gerar bloqueios corporais e retração (opressões, timidez) à pessoa, a corpa ou o corpo não se sente pertencente a aprofundar os seus contatos sensíveis, muito menos permitir se autoconhecer, por isso prezo por uma disciplina respeitosa, no qual a pessoa está acima da ferramenta, e não a ferramenta oprimindo a pessoa. O que se percebe nas movimentações são pequenas histórias contadas com a corpa ou corpo que precisam ser ouvidas e dilatadas.

Por essa razão, escolhi a técnica Klauss Vianna com foco em uma educação somática, porque ela é uma Dança flexível que faz relações e conexões corporais “o trabalho técnico corporal com enfoque somático, resultando na percepção e consciência do movimento; o trabalho centrado no indivíduo com suas percepções, relações e autoconhecimento” (Miller, p. 8). Sendo assim, busco perceber, junto com elas, seus movimentos liberados e suas histórias de vida, onde o caminho das permissões é uma escolha de autoconhecimento, e diante das designações impostas

existe uma pessoa antes de tudo que merece o amor e a dignidade, penso que para além da situação de encarceramento as possibilidades são maiores que as limitações.

A ferramenta da disciplina respeitosa não é para ensinar a Dançar passos e figuras mirabolantes, como nas técnicas de movimentos cristalizadas, esse não é o foco, mas pessoa já tem a sua Dança infiltrada na corpa/corpo, sendo assim, é a investigação vagarosa de consciência corporal à expansão, que seria esse movimento rumo à descoberta de potencialidades das singularidades e “busca da dança expressividade de cada um; a relação de pesquisa de movimento, inclusive na vida cotidiana, entre outras inovações” (Miller, p.8). Sempre se preocupando com o processo e não o progresso, evitando determinadas acelerações de movimentos. Para assim, aos poucos trabalhar com relações sociais e um coletivo onde todas respeitam a história individual de cada uma e cria empatia entre elas “a cada fase registrada por corpos dignos de memórias vividas cada qual em sua época e que conservam a sua própria individualidade” (Miller, p. 17).

O sistema penitenciário é um espaço triste que exclui as corpas/corpos, mas também pode ser um espaço de potencialidades e cheio de artistas, que as próprias pessoas em situação de encarceramento podem transformar em possibilidades, cada movimento manifestado é bem-vindo, e é através da Arte que também alimentamos um coletivo saudável e respeitoso, assim:

o indivíduo em trabalho técnico está em ação investigativa de sua relação com o próprio corpo, com o corpo do outro e com o ambiente/espço, com a sua percepção aguçada ao momento presente para a criação de um outro momento/movimento; por isso podemos falar de um "corpo em relação", ou seja, uma atenção do corpo em relação ao todo, ao outro, ao espaço, ao ambiente, numa rede de percepções (Miller, p.23).

O tempo para elas é diferente, porque não usufruem das distrações tecnológicas, está no mesmo espaço por anos pode ser frustrante, cansativo e gerar ansiedade. Por isso, propor as educações somáticas para elas é também uma questão de saúde, psicológica e social, além de acordar a corpa ou corpo e lembrá-lo diariamente, pode usar o processo para buscar por uma presença de existência no espaço, e criar vida no ambiente, do relaxamento à presença de uma pessoa digna,

que merece respirar e se comunicar, essa comunicação pode ser consigo ou com o outro, leve e sem sobrecargas.

No projeto Arbítrio: Teatro nas prisões, pude vivenciar os Jogos Teatrais e dentro das brincadeiras vi musicalidade, ritmo, movimento e um combo que potencialidades, como sou infiltrada recentemente nesse mundo das prisões, valorizei a Arte do Teatro e aderir as suas metodologias, porque funciona, convida e as pessoas se sentem pertencentes, dessa maneira, não deixei de propor a Dança, que já estava lá eu só a percebi, através dos gestos, das falas, das permissões e dilatações da corpa e corpo. Adotei para as educações somáticas, um processo inicial para acordar a corpa ou corpo e prepará-lo para brincar e voltar a ser criança, porque o início é tão importante quanto o fim, ou até mais importante que o objetivo final. A técnica Klauss Vianna, assim como os Jogos Teatrais é um convite, e quem se sentir pertencente pode escolher se permitir vivenciá-la, para ser uma pessoa que Dança, antes de tudo, é necessário ter uma corpa/corpo disponível para dançar. Com isso vou adotar o processo mais inicial da técnica que seria o Processo Lúdico de acordar a corpa ou o corpo; a(o) mediadora(o) estimula da melhor forma possível a(o) aluna(o) com os direcionamentos de movimentos e brinca com o jogo de interrelações entre eles:

Presença;

Articulações;

Peso;

Apoios;

Resistência;

Oposições;

Eixo global;

Qualquer pessoa é capaz de fazer toda essa lista de movimentos, na maioria das vezes de forma inconsciente e acelerada, construindo os movimentos

cristalizados. É importante lembrar que somos puxadas(os) diariamente pela gravidade da Terra, e a(o) corpa(o) vai se adaptando e adotando novas posturas com o passar do tempo, para se sentir mais confortável.

Esse processo de preparação corporal, no primeiro momento acontece com a ausência de toque entre pessoas, para se auto reconhecer e busca por reconexão própria, é nessa fase que descobrimos que temos uma corpa ou corpo, ou seja, uma potencialidade adormecida, a fim de despertá-la e identificar nossas limitações.

Para isso, o uso da respiração e concentração vai ser nosso maior amigo nesse jogo de descobertas. É importante dá tempo ao tempo, para a pessoa se familiarizar e haver a conexão profunda, logo, pensar em respiração, pensar nos músculos, e investigar os apoios, o contra apoio (chão), incômodos e tentar acordá-los para revivê-los novamente. Não existe uma fórmula mágica e certa para a aplicação da técnica Klauss Vianna, a sistematização dela existe, entretanto, os Vianna buscam sempre enaltecer o percurso, o caminho, o processo e a autoconsciência da(o) própria(o) corpa(o).

Assim, vamos criando sabedoria sobre nós mesmos, quando entendemos o “porque eu não sinto ali?”, “porque aqui dói?”, “porque aqui eu sinto conforto e ali não?”, vamos dialogando interiormente e mapeando a própria corpa/corpo, registrando histórias para poder contar às outras(os) corpas(os).

Por fim, “A técnica de Klauss Vianna é como o leito de um rio que cada um preenche com a própria água, com sua própria metodologia; e o curso dessa água, na ação de cada um, vai redesenhando seu leito” (Miller, 2007, p. 114). Que possamos viver um mundo de possibilidades de maneira flexível e respeitosa.

5 METODOLOGIA DA ESCRIVIVÊNCIA

Falar de Práticas Poéticas e Políticas da corpa ou corpo dentro das prisões é adotar a metodologia da escrevivência, vai para além da beleza da escrita sensível e construção de uma consciência individual e coletiva, é um ato de amor é a revolução. Além disso, percebo o quanto é urgente a faculdade e escolas adotarem o escrever-vivendo, novas perspectivas de vida precisam receber o processo da escuta e da fala. Como cita Isabella Rosado Nunes, “Pesquisar e estudar a Escrevivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem.” (Nunes, p.14).

Quando entrei na faculdade minha Arte era toda voltada para o ato de sublimação, até permitir minha corpa vivenciar as práticas somáticas, entretanto de pouco a pouco minha Dança foi morrendo, e eu não entendia o porquê. Palavras e frases não me atravessavam mais, e os processos ficaram rasos e sem vida, foi então que percebi. Eu não pertencia à faculdade, eu estava apenas inserida no meio. No conto anterior havia dito que a professora Sarah ofereceu um livro para a criança Renata como um ato de amor, e aos poucos a criança foi adquirindo o hábito da leitura junto ao amor-próprio. A ferramenta potente da leitura transformou a criança que passou a vida toda sendo negligenciada na família e na escola, então “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo” (p.35).

Não vejo inclusão nos ensinamentos acadêmicos atuais, principalmente em algumas metodologias. Um dia de escuta sensível e os professores saberiam que os alunos, alunas e determinadas professoras não se sentem pertencentes à faculdade de Dança ou se sentem silenciadas. Assim como Nunes se impactou em saber que Conceição Evaristo não leciona na Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, “Sigo impactada, até hoje, com o fato de que as universidades brasileiras, embora a convidem para muitas palestras, não a tenham em seus corpos docentes” (Nunes, p. 16).

Eu não quero escrever para pessoas brancas, porque elas já sabem ler e escrever, estou escrevendo para pessoas que não se sintam pertencentes a está nos

lugares sendo elas mesmas, sendo por etnia, classe ou gênero “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, p.11).

Assim, inicio meu ato político com a escrita acessível e adoto a metodologia da escrevivência que é “uma possibilidade de ordenar o mundo segundo bases próprias, singulares, desde pontos de vista individuais quanto a partir de coletividades” (Nunes, p.14).

Quando falo de inclusão das corpos/corpos marginalizadas/marginalizados, tenho hiperfoco para a minoria, mas sei que a massa precisa entrar em contato com essa possibilidade urgente, então talvez essa tentativa seja um erro, mas as vezes um erro pode ser transformado em um grande acerto.

Com isso, irei narrar contos poéticos, escrever viver, as experiências e vivências de dentro dos presídios na cidade de Manaus, e escolho quatro vozes potentes, sendo elas: Renata, Sarah, Ylmy e Quevora, todas mulheres não brancas e dignas de amor. A metodologia da escrevivência protege suas identidades e seus verdadeiros nomes, mas são “personagens humanas, ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam” (Nunes, p.15). Assim, mostro como foi esse processo de disciplina respeitosa através de movimento, Dança e Teatro. Para confirmar o poder de dedicar nossa Arte à vida.

5.1 HISTÓRIAS DE VIDAS EM PROCESSOS DE SUBLIMAÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é adotar um olhar sensível dentro das prisões do Amazonas na cidade de Manaus, e a partir das minhas perspectivas perceber como eu traduzo os significados dos movimentos dessas mulheres em situação de encarceramento, além disso, os específicos se constrói pelo seguinte processo de perguntas: Como a Dança pode contribuir no processo de sublimação dessas mulheres em situação de cárcere? Elas se percebem fazendo tais movimentos e conseguem ter uma autoconsciência da própria corpa? O processo de escolhas bem-feitas pós prisões pode ser uma consequência do movimento da Dança no presídio? Partindo disso, busco através do meu olhar sensível narrar as inquietações, emoções e sentimentos das mulheres detentas por uma perspectiva minha, sendo assim, transformo minhas percepções subjetivas em desenhos como um facilitador visual. A

Dança, inicialmente foi pensado em oferecer uma educação somática de forma lúdica como um processo de organização corporal para essas mulheres privadas de liberdade, mas o movimento de suas corpos nos levou para o processo de sublimação pelas linguagens da Dança, Teatro e Música.

5.2 Um caminho chamado Arbítrio - PRIMEIRO CONTATO/ VISITANDO O COMPAJ

Falar de corpa ou corpo na prisão é um assunto muito delicado, tudo é muito sensível e os simples gestos, atitudes e falas viram um jogo de percepções subjetivas inquietantes. Meu primeiro contato com as prisões do Amazonas na cidade de Manaus, foi fruto de vivências com o Projeto de Extensão “Arbítrio: Teatro nas Prisões”, coordenado pela Profa. Dra. Annie Martins Afonso, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na unidade Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT), em outubro de 2024 foi contemplado pelo PADEX (Programa De Apoio E Desenvolvimento À Extensão) como Programa e recebe o nome de “Práticas Poéticas e Políticas: O Teatro na Comunidade”, onde semanalmente tem como objetivo realizar Oficinas de Teatro com a metodologia do Teatro do Oprimido e Contação de Histórias nos regimes fechado masculino e feminino das unidades prisionais do Amazonas, tendo como fundamento o Teatro como facilitador de caminhos de ressocialização, comunhão, esperança e impacto na transformação social para quem está dentro e fora das prisões.

O Projeto Arbítrio nas prisões transforma tudo em poesia usando o lúdico das brincadeiras levando educação e renovando novas perspectivas de vida. Minha primeira vivência foi no COMPAJ (Complexo Penitenciário Anísio Jobim), que está localizado na BR 174, estrada que liga Manaus à Boa Vista, participei de uma reunião introdutória da parceria entre a UEA/ESAT e a SEAP na inserção do Programa ao sistema penitenciário, nesse dia já fui bastante afetada da entrada à saída. Fui junto com nove pessoas integrantes do Arbítrio e cruzei com algumas pessoas importantes durante percurso que fazem a diferença ao acreditar nas Artes e suas potencialidades dentro dos presídios, entre elas: Keila, a chefe que nos acompanhou em todo percurso e nos apresentou ao COMPAJ; Kabty a fotógrafa que registrou os momentos marcantes; Suelen, diretora do Centro de Detenção Feminino (CDF) e Magno Rosa, diretor do COMPAJ.

Como é um sistema penitenciário, nossas corpos e corpos devem se submeter ao processo do apagamento de identidade, nesse processo passamos por uma série de procedimentos adotados pelo sistema como prevenção de evitar fugas ou passagem de drogas ilícitas, sendo eles: fazer um cadastro com o uso da documentação, entrar em uma espécie de cabine com esteira de detector de metais, e por fim, a revista pessoal. Passando por tudo isso temos acesso ao COMPAJ que é a ala masculina, assim, seguimos com nossa visitação sobre o espaço até a uma sala onde aconteceria a reunião, nesse percurso uma cena forte deixa-me inquieta porque sempre que passávamos por pessoas em condições de encarceramento do sexo masculino, elas automaticamente viravam contra a parede, eu achei aquilo extremamente pesado, isso é uma regra do sistema para manter a segurança, especialmente para as mulheres.

Dando continuidade, fui atravessada constantemente pelas instruções passadas com uma série de regras a serem seguidas, entre elas: as roupas e penteados que deveríamos adotar às falas, cores e comportamentos que deveríamos evitar; uma das coisas que busquei focar foi nas informações sobre as mulheres, e descobri durante a reunião, pela própria diretora, a quantidade exata de pessoas na ala feminina, sendo 80 mulheres no regime fechado e 148 mulheres no regime semiaberto. Sendo assim, a primeira visitação foi conhecer um pouco da ala masculina, no qual passei pelos portões com um pensamento muito preconceituoso e hostil, devido as diversas leituras que havia feito de Artigos científicos, mas percebi que estava completamente equivocada, logo deparei-me com uma obra de Arte na parede da entrada do COMPAJ, era uma interpretação artística muito potente. Passando para a recepção, e primeira porta, tentei decorar nomes de governadores e gestores que estavam responsáveis pela criação do local, falhei miseravelmente, então tive hiperfoco em uma revista da “Reviver” que é uma empresa privada especializada em administração prisional, certificada no ISO 9001:2015, que faz parceria com a Secretaria de Administração Penitenciária do Amazonas (SEAP). Ainda sobre as afetações de um primeiro contato, após a reunião tivemos a oportunidade de conhecer mais o espaço, fui observando as grades, as cores, as texturas das paredes, o chão, as pessoas virando de costas, os olhares, as respirações.

Chegando a um determinado ponto, foi nos passado a história pela própria coordenadora do projeto “foi aqui o local onde aconteceu uma grande rebelião, aqui ficou cheio de sangue e foi um massacre horrível, nesse dia não teve o projeto Arbítrio, eu queria vir, mas as autoridades cancelaram nosso encontro”, senti uma energia pesada nessa hora; depois disso seguimos para um corredor de ligação entre vários pavilhões, até chegar a um local que eu admirei intensamente, a brinquedoteca feita para as crianças que iam visitar seus pais, é um espaço lindo e cheio de vida, percebi o cheiro de tinta fresca, as linhas, as formas, as pinturas concluídas, os detalhes, as cores, os brinquedos e brincadeiras disponíveis, isso mostrava as Artes feita pelas mãos dos próprios presidiários, eu fui muito afetada naquela hora.

Além disso, descobri uma revolução, foi lançado o seguinte comentário “as crianças não passam mais pelos pavilhões, passam pelos corredores ao encontro de seus pais”, isso porque anos atrás a desumanização do sistema era tão grande, que para as crianças ao visitarem seus familiares, eram direcionadas pelos pavilhões, onde viam toda a hostilidade e insalubridade das situações de dentro das grades, confesso que fiquei feliz ao saber dessa mudança humana. Outro local maravilhoso foi a biblioteca e a faculdade, estava em processo de construção, mas já tinha recebido bastante livros, preenchia algumas estantes já disponibilizadas no espaço, novamente sentir a felicidade ao saber que a Educação e as Artes estavam como foco principal para a ressocialização das pessoas em condições de encarceramento, isso também por influência das autoridades e gestores à frente da organização.

5.3 Processo YImmy - COMPAJ

“Eu vou lembrar de você!”

No dia 21 de novembro de 2024, acontece a abertura e começo das atividades do Projeto de Extensão Arbítrio: Teatro nas Prisões, chegando ao COMPAJ passei pelo mesmo processo de ser revistada para entrar e depois o grupo foi direcionado para o auditório onde fiquei encantada com tanta humanidade de dentro do presídio. Fui atravessada por vários ângulos. A recepção era muito gostosa, palavra que uso para interpretar sensações de uma recepção calorosa, ou seja, achei convidativo e

me senti pertencente a está lá. Tentei ficar concentrada em um objetivo específico que seriam as pessoas participantes, mas o espaço me afetou muito, cada detalhe, a Música que a banda tocava, no estilo MPB, mas eram ritmos diversos e as conheci pelas letras; as cores vermelhas, dourada e preta que coloriam todo o auditório com suas cortinas, decorações, com as frases e símbolos das Máscaras da Tragédia e Comédia¹² que representava o Teatro. O movimento já estava ali presente, a destreza das mãos de quem fez as letras e as recortou, revela a coordenação fina das pessoas em condições de cárcere, ou seja, um movimento simples e pequeno que exige muita concentração foi realizado ali naquelas letras, desde recortar um papel ao pregar um símbolo de EVA no painel com cola, isso já é uma grande movimento, toda a organização, exige uma cognição maravilhosa da pessoa ao ponto de construir a frase “Teatro Arbítrio”, e revela um trabalho rico em Psicomotricidade¹³, posso dizer que sentir movimento do começo ao fim.

Dando continuidade, no fundo da sala do auditório havia uma mesa próximo a banda, com várias comidas e bebidas que foram feitas por eles e elas do presídio. No primeiro momento meu olhar sensível refletiu sobre os detalhes do espaço, logo depois sobre as pessoas; percebi a forma que as cadeiras estavam organizadas em fileiras e colunas como um jogo de batalha naval; pessoas sentadas e separadas por gênero; as vestimentas, as cores nas roupas, as estéticas corporais de cada indivíduo, sendo elas: a postura corporal sentada, o jeito de respirar, as expressões corporais e faciais. Do lado direito, que é o esquerdo do palco, estavam as pessoas em condições de cárcere nas últimas fileiras os homens com algemas nas mãos e nos pés, usando camisas amarelas e bermudas laranjas, a farda da SEAP, acima dela alguns estavam com uma sobreposição de colete. Nas primeiras fileiras as mulheres, todas sem algemas, com fardas amarelas da SEAP, com coque nos cabelos, algumas com óculos e outras com coletes para ajustar a postura. Das mulheres eu reparei na beleza de

¹² As Máscaras que simbolizam o Teatro são conhecidas como Máscara da Tragédia e Máscara da Comédia. Elas representam os dois principais gêneros do Teatro Grego Antigo: Máscara da Tragédia (Melpomene) - Expressa dor e tristeza. Máscara da Comédia (Thalia) - Retrata alegria e humor. Essas Máscaras são usadas como ícones universais para representar o Teatro e as Artes Cênicas.

¹³ A psicomotricidade é o estudo da conexão entre o movimento do corpo e a mente. Ela mostra como os gestos, a postura e as ações físicas estão ligados às emoções, aos pensamentos e ao desenvolvimento.

cada, nos olhos, sorrisos, nas expressões faciais, algumas com sobrancelhas bem-feitas, outras com ausência total de maquiagem, mas todas com suas belezas; eu não acho que a melhor palavra seja natural, porque estou em um dilema sobre natural e orgânico, mas enfim, belezas. Pessoas estas separadas por um corredor imaginário de outras fileiras e colunas. E do lado esquerdo, direito do palco, pessoas com variações de roupas, entre elas, a coordenadora do projeto, o secretário de administração penitenciária, diretor, chefe, alunos da UEA etc. Entre as afetações foram:

Os homens permanecerem com as algemas: Na verdade, não entendi por que os homens estavam usando fardas conjuntas de amarelo e laranja, mas achei interessante não estarem monocromáticos (usando uma só cor), fiquei bastante tempo refletindo se eles estavam em transição de passar da farda laranja para a amarela, ou seja, liberdade mais próxima. Embora esse trabalho não seja focado nos homens dos presídios é importante mencioná-los, já que muitas falas me atravessaram, a mais inquietante foi referente a junção de estarem perto das mulheres. Todos os homens estavam sem liberdade condicional faz um tempo, então acredito e afirmo que suas vidas sexuais estavam dependentes e intensas. Perguntas como “Vamos fazer atividades com elas?” foram frequentes durante a abertura.

Cheguei à conclusão de que as algemas foram adicionadas com intuito de prevenir possíveis fugas ou rebeliões naquele momento, fiquei refletindo por horas sobre as algemas, como o fato de possíveis abusos e violências contra a corpa feminina. Mas não deixo de mencionar que eles foram super gentis e respeitosos, sem comentários pejorativos, só curiosos, nem tentativas errôneas ou maléficas, foram simpáticos e retorno a dizer meu lema aqui nessa altura temos que ver “pessoas acima das tecnologias/ferramentas”, digo ferramentas, mas eu refiro a quaisquer outras extensões sendo elas os crimes, as armas e as designações. Quando iniciamos as brincadeiras dos Jogos Teatrais, foi exigido pela coordenadora do projeto a retirada das algemas, lembro-me de seus barulhos ensurdecedores quando uma encostava na outra, era um incomodo tão grande gerado nos meus ouvidos que pareciam palavras agressivas soadas de maneira pejorativa sobre minha corpa. As cenas e sons de retiradas e devolvidas das algemas é um processo sensível e pesado, meus sentidos ficam perturbados. O triste é quando os oficiais as retornam para mãos e pés das

peças em condição de cárcere, fica evidente através de seus movimentos a percepção de desconforto e vergonha;

Mulheres com sobrancelhas bem-feitas: Mostrando suas vaidades humanas elas manifestam o desejo de alguma coisa ou um sentimento, esse movimento de marcar a própria corpa com maquiagem, é para além de uma simples estética de beleza padronizada, posso estar equivocada, mas levo para um local de um reconhecimento sobre si. Na minha percepção um ato (ação) de marcar a corpa, seja o mais simples que for é um poder que você adquire sobre o caos do não pertencimento. Fazer as sobrancelhas me leva a refletir sobre a seguinte frase “agora eu me sinto mulher novamente”.

A massa popular levo para o lado do amor próprio e está certa também, mas gosto de ver por outras perspectivas e entendo o seguinte – Sua liberdade foi tirada de maneira hostil e bruta (não pode nem se ver no espelho e se reconhecer como pessoa), para suprir suas faltas e carências pessoais (o que foi tirado quando tinha liberdade), precisa-se de uma extensão (algo que registre sua corpa/corpo para lembrar que ela/ele existe e é lindo), e assim voltar a se perceber uma linda mulher – Vale ressaltar que não sou contra a maquiagem, mas o sentido do amor próprio é para além da extensão, e usar maquiagem no presídio é um pertencimento de usufruir daquilo que não está se percebendo ou sentindo, como o amor, a beleza, a liberdade, suas faltas e carências;

A Música da banda que tocava ao vivo: Vale lembrar das minhas vivências, eu sou pessoa-persona Lívia Cruz, a persona é uma completude da artista Lívia Cruz, a persona por um ano, foi dançarina da Banda Rabo de Vaca¹⁴, que tocava o ritmo designado de Forró. Logo quando entrei e ouvi as músicas, senti-me muito pertencente ao espaço, tive o processo da familiarização, ou seja, as Músicas levaram-me a liberar e entrar em processo de sublimação instantaneamente, porque eu lembrei do tempo em participava de shows, eventos, viagens, e conversões com

¹⁴ Banda Rabo de Vaca - Banda Rabo de Vaca nascida em 2000, na capital do Amazonas, na cidade de Manaus. No começo era somente um grupo de 4 músicos e o vocalista que cantavam em casas noturna na cidade. Em 2010 explodiu com o DVD Ao Vivo no Sambódromo, que projetou nacionalmente a banda, com todas as músicas alcançando milhões de streams nas plataformas, e desde então, vem conquistando os quatro cantos do Brasil com suas vozes, talentos, irreverência e carisma.

peessoas integrantes da Banda e outras pessoas especiais. Esse processo foi lindo e expressei muitas emoções de felicidade, nos meus risos e movimentos, eu dancei. Saber que a Dança renova minha corpa é um fato muito importante que preciso deixar registrado aqui nesse pequeno trecho.

Quando começamos os Jogos Teatrais, partimos para a familiarização e um primeiro contato com as pessoas em condições de cárcere, sendo assim, criamos uma espécie de círculo gigante cheio de subjetividades, estava lá alguns homens de determinado pavilhão, sem algemas e algumas mulheres de determinado pavilhão. Eles começaram tímidos e tímidas, aos poucos foram surgindo risos, depois movimentos novos e permissíveis, quando vimos já estavam gargalhando e muito mais participativos, suas corpas e seus corpos começaram a se dilatar. É importante mencionar o entrelaçamento das Artes desse momento, pessoas são cheias de subjetividades e muitas vezes não acontece o pertencimento porque não acontece a familiarização, temos que perceber com qual ferramenta a pessoa se identifica para trabalhar novas possibilidades e surgir potencialidades de seus movimentos. Isso pode acontecer devido à escassez de apresentação e primeiro contato com as Artes como alternativas educativas etc.

Sendo assim, o processo de familiarização pode ser acelerado se mais de uma alternativa ser apresentada, e de acordo com cada vivência a ferramenta se mostra amigável e pode ser através da Música, Teatro e Dança. Foi o que aconteceu nesse momento, durante as brincadeiras surgiu o seguinte comentário “porque não pedimos para banda tocar uma Música”, foi uma excelente ideia, sugerimos um forró ou outro estilo agitado à banda, e eles atenderam ao nosso pedido. De pouco a pouco, foi surgindo vidas em movimento naquele auditório, eu não aguentei tanta familiarização, comecei meus movimentos subjetivos e entrei em processo de sublimação, onde minhas emoções transmitiam meus sentimentos de alegria, libertação, vontade, amor, felicidade, e pertencimento, dessa vez eu permiti a persona, ex dançarina, a Dançar ela se renovou naquele instante. Todos e todas permaneceram no círculo até ele se quebrar e se transformar em um grande salão de Dança, entretanto, duas mulheres no momento de animação viraram meu hiperfoco, uma era a artista dançante, e a outra vou mulher que vou chamá-la de Yimmy, de 22 anos. A artista dançante foi a primeira a se permitir a Dançar, sentiu a música e se movimentou, entrando em um processo de sublimação, seus sentimentos mostraram emoções de felicidade e

pertencimento, seu comentário no final de tudo fez todo o sentido do porquê eu estou cursando graduação de Dança e estou escrevendo para as mulheres em condições de encarceramento, ela dizia renovada “Agora eu achei a minha função aqui!”, isso, fazendo movimento com o dedo indicador apontado para baixo, e o movimentando de cima para baixo com o dedo sempre virado para baixo, assim, revelando sua nova profissão – ser uma pessoa que Dança – Ressalvo que esses movimentos foram traduzidos através da minha perspectiva e foi dessa forma que interpretei seus significados através de seus comentários, gestos e atitudes.

“Eu vou lembrar de você!”: Durante tantos movimentos e subjetividades, Ylmy pregou minha atenção, ela é uma mulher de 22 anos, e nasceu em Salvador na cidade de Manaus. Ylmy, participou de tudo, porém de um jeito introvertido e sem dilatações, não dançou nenhuma Música, então, com intuito de saber se ela gostava de Artes fui fazer um convite mais próximo para ver se ela se sentiria pertencente a Dançar, entretanto, aparentava ser bem tranquila em meio a tanta festa, quando reduzi a dificuldade de movimentos ela fez de forma bem intimista. Conversei com Ylmy por um bom tempo e tentei mostrar que o simples era divertido, ela fez um gesto maior porque havia estimulado, mas percebi que estava fazendo um movimento cristalizado, ou seja, forçado, e não é uma disciplina respeitosa.

Refletir por um bom tempo e percebi que algo estava errado, Ylmy não tinha familiaridade com aquelas Músicas, muito menos vivências porque ela era de Salvador e tinha apenas 22 anos, então perguntei quais estilos musicais ela gostava de ouvir, os olhos de Ylmy brilhavam e a dilatação veio aparecendo de pouco a pouco, e surgiu “eu não danço isso!”, retruquei e perguntei qual estilo de Música ou Dança ela gostava de ouvir, percebi que ela gostou da pergunta e respondeu se movimentando de maneira eufórica “eu gosto de Funk! Funk! Quadrado!” Fiquei feliz com a corpa de Ylmy mais dilatada, logo reagi dizendo que amava Funk. E não era mentira, eu realmente criei uma expectativa que tinha encontrado uma possibilidade de alcançar Ylmy, algo mudou dentro dela depois dessa pergunta, o processo de familiarização e pertencimento foram denunciados através de seus olhos brilhantes e um movimento de sorriso apareceu em sua corpa. Acredito que a conversa tenha ajudado a alcançar a resposta de Ylmy, porque como ela estava rodeada por subjetividades que estavam se divertindo, não se sentiu incluída devido sua faixa etária de idade.

No final do nosso encontro, fui até ela fechar o ciclo das nossas vivências daquele dia, e fiz um gesto levando minha mão até a cabeça e completava dizendo a seguinte frase “Eu vou lembrar de você YImmy! Você gosta de Funk!”, percebi que ela repetia o meu gesto nela por diversas vezes, e refletir sobre essa cena.

Após nossas vivências daquele dia, seguimos para a sala de recepção para retornar a Van que nos levaria para a UEA, nesse percurso a coordenadora foi chamada para conversar pela direção, então ficamos esperando sentadas e sentado. E novamente as mulheres em condições de cárcere passaram por nós, já com as algemas, porém corpas dilatadas, seguindo uma fileira com as agentes penitenciárias ao lado, e nos cumprimentam dizendo “tchau, até a próxima semana”. Nisso, YImmy passa por mim e diz quase próximo ao meu ouvido “eu gostei muito de você!”. Eu sorri e ela continuou andando e olhando para trás até sair pela porta. Depois, a coordenadora sai de sua conversa e prosseguimos para a saída do COMPAJ, ao pausarmos para uma foto e registrarmos aquele momento incrível. As mulheres retornam em uma fila única fila, lá estava YImmy, ela sorriu e faz o pequeno gesto de pertencimento que eu havia feito para incluí-la na aula, como se dissesse “Ela vai lembrar de mim”.

Fiquei muito afetada nesse dia, refletindo muito pois são mulheres que ficam presas 24 horas sem liberdade, acredito o movimento maior do gesto de YImmy tenha a ver com suas vivências passadas, não sei o real motivo que a fez se sentir pertencente a fazer o movimento, mas através da minha perspectiva, vejo um abandono da corpa de YImmy tentando ser vista. Quanto tempo YImmy não escuta tal frase? Será que YImmy foi escutada? Alguém sabe que YImmy gosta de Dançar Funk? Será que YImmy já escutou “eu vou me lembrar de você!” alguma vez na sua vida? Sua vida foi negligenciada de amor e por isso um simples gesto de pertencimento a transformou e dilatou sua corpa?

Não tenho respostas para todas essas perguntas, mas fui muito afetada por essas vivências, algumas questões eu pude responder só no terceiro dia que fui visitá-las, outras vão apenas virar marcas nas minhas inquietações.

Figura 3



5.4 Processo Sarah - Confluências das Artes entre Renata e Sarah

Renata e Sarah possuem Artes diferentes cheias de subjetividades, graças a suas vivências da infância à vida adulta. Em um diálogo entre Renata e Sarah, a professora Sarah revela a potencialidade de vida que tem no ato de sorrir e amar, transformando tudo em poesia através de seus atos políticos com sua corpa, o interessante para Renata foi saber que todas suas emoções são leves e sinônimo de festa.

Dentro das prisões Sarah se conecta consigo e com histórias e vivências semelhantes às suas, o fato de se perceber não branca a transformou em um ser político que busca uma comunidade com mais inclusão, sendo assim suas pesquisas são poesias falando de intersexualidade (classe, raça e gênero). E revela que em toda sua vida sempre foi considerada “lenta” por não cumprir um padrão exigido dentro da sociedade capitalista. Mesmo se tornando uma mulher cheia de potencialidades e virtudes, algo a persegue “Eu sempre sou chamada à diretoria”, é um carma ou ciclo vicioso que se repete na vida da professora, e Renata acha muito engraçado quando ela conta suas vivências escolares passadas, a professora diz “eu era considerada gaiata!”, na verdade ela era uma criança artista com desejos e vontades de viver, por isso se movimentava, quando o movimento é potente a hierarquia tenta buscar um meio de estagnar a pessoa, como um ato de poder sobre corpas e corpos.

Sarah, se viu nas prisões e defende aquelas vozes silenciadas, relata que sempre foi uma criança doente e vivia indo ao hospital, por essa razão, via a vida com outros olhos e perspectivas cheias de amor, quando saía dos lares hospitalares e voltava para casa com saúde tudo era festa, e não tinha hora melhor para a liberação de sorrisos e alegrias, além disso, sua vida a caminhou para o Teatro, cujo, soube que ali era seu lugar seguro e fez sua familiarização.

Em uma conversa com Renata, a professora Sarah relata que foi excluída da Dança por uma professora de balé clássico, no qual impedia seus movimentos e suas manifestações, entretanto ela ressignifica a Dança sempre que pode e afirma “eu amo dançar!”, e de fato ela sempre Dança, ela é a Dança, porque está sempre em Movimento. O Teatro foi a ferramenta necessária para seus processos de sublimação, as Artes de Sarah é uma extensão de atos políticos, educativos e manifestantes, mas são ferramentas potencializadas e direcionadas pelo amor acima de tudo.

Renata se sentiu pertencente às aulas da professora Sarah, mas gosta de Dançar, mas afirma que “ama Teatro e Música”, surgiram conversações a respeito de como criar Práticas Pedagógicas Poéticas com intuito de incluir corpos e corpos marginalizadas/marginalizados. Reflexiva a pequena Renata gosta de aprender através da perspectiva da professora em busca da liberação de vivências passadas, além de ser eternamente grata por Sarah cruzar seu caminho, Renata agradece a todas e todos os educadores que passaram por seu caminho.

Certo dia foi lançado o seguinte comentário “a pesquisa é sua!”, a pequena Renata está em processos constante de pesquisas e concorda parcialmente com essa frase, isso porque Renata aprendeu a desenhar com Jussara Corrêa Miller, lendo sua tese de doutorado “Qual é o corpo que dança? Dança e Educação Somática para a construção de um corpo cênico” e encontrou objetivos-fins no “entre” através de conversações com pessoas especiais que passaram em seu caminho, ou seja, nunca esteve sozinha falando e vivendo algo desde que criou a consciência e as percepções iniciais, e afirma “estudar não é algo solitário, mas sim, uma constante conversa!”.

Renata acredita que a afirmação de “a pesquisa é sua!” soa como algo solitário, sem conversas ou trocas com livros e pessoas, a criança percebe que a educação não é gerada em um isolamento social, porque quando você lê um livro, você está conversando com quem escreveu esse livro. São pessoas reais, são diálogos e trocas que acontecem, por isso Renata não concorda totalmente com a frase “a pesquisa é sua!”, mas defende que sua pesquisa foi um entrelaçamento de vivências de movimentos e saberes trocados, ou seja, movimentos em confluências.

Figura 4



Fonte: Desenho da autora

5.5 Processo Quevora e suas Cenas

Quevora é uma interpretação de minha subjetividade de algumas cenas que aconteceram na ala feminina do Centro de Detenção Feminino. As traduções são perspectivas subjetivas minhas e tento transmitir com objetividade o “entre” das mulheres em condições de cárcere, e trago suas manifestações através de palavras e desenhos.

22 de novembro de 2024 – Centro de Detenção Feminino (CDF), Casa da Barbie

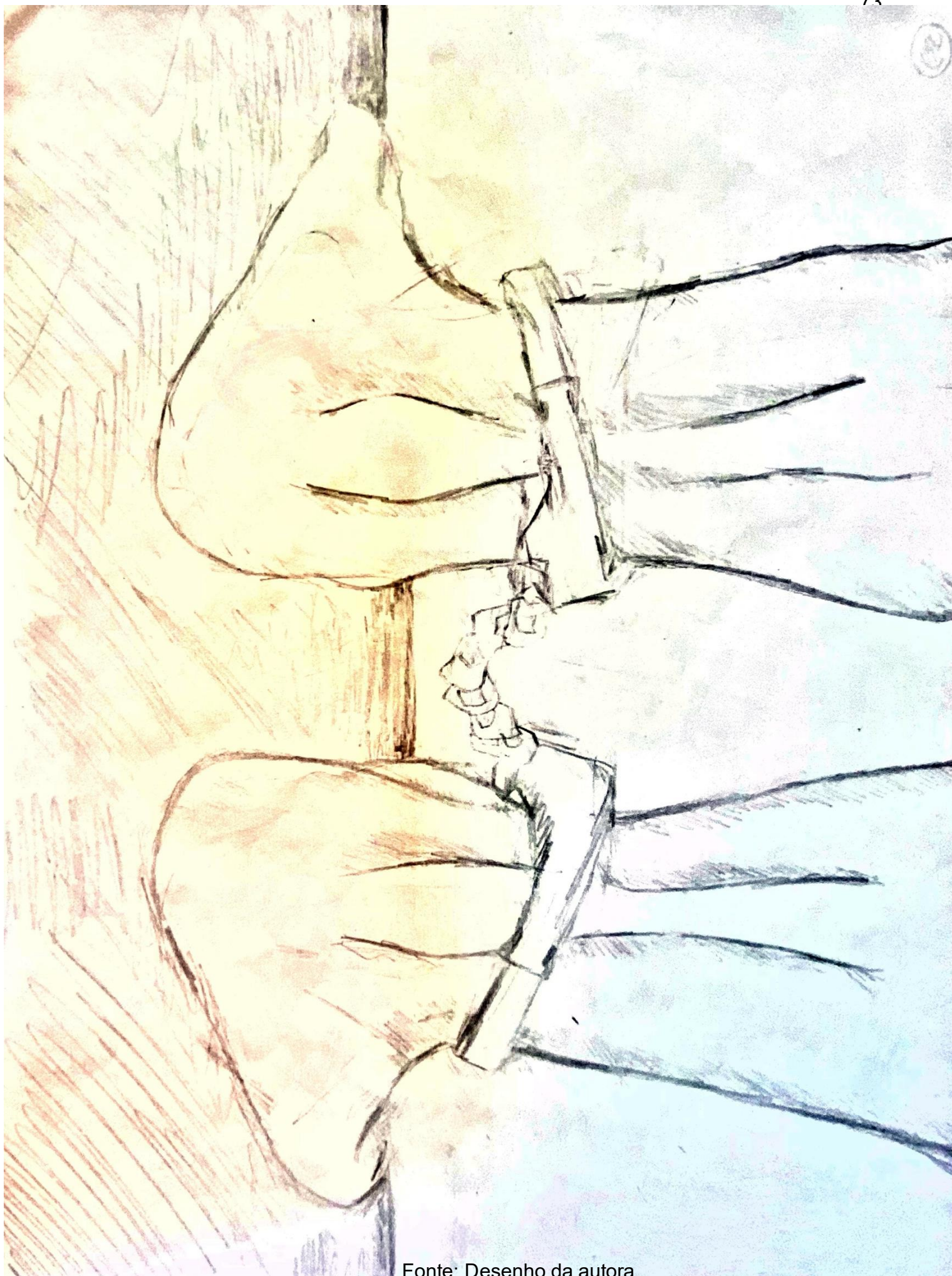
A minha primeira vivência no Centro de Detenção Feminino/CDF e novas afetações ocorreram no dia 22 de Novembro de 2024, fiz um novo cadastro e depois de passar pela revista pessoal, tive meu primeiro contato com a ala feminina, caminhei por diversos corredores, eu não sentir vida nas cores era uma parede meio amarelada e rosa, vi grades, ferros, senti isolamento e minha corpa começou a ficar pesada, mas não transpareci nas emoções, durante o percurso até a sala onde ocorreria as atividades reconheci e cumprimentei algumas meninas que havia conhecido na abertura do projeto no COMPAJ. Chegando no local, encontrei pessoas sentadas em cadeiras azuis em fileiras e colunas encarando a porta de acesso à sala, de costas para uma janela e de frente para uma parede com uma TV bem grande, elas/eles estavam usando a cor laranja com algemas nas mãos e nos pés, todo processo da aula foi acompanhado por uma agente penitenciária, e durante as brincadeiras dos Jogos Teatrais fui afetada constantemente através das minhas perspectivas subjetivas:

Quevora 1 - As algemas

As algemas são um fruto da disciplina máxima, não há respeito só opressão, prende aquilo que era para estar livre, corpas e corpos em movimentos. Logo quando entrei na sala das “laranjinhas”, designação feita às mulheres dos pavilhões no qual são consideradas mais perigosa; fui afetada pelas correntes que estavam em suas mãos e pés gerando marcas que não contemplam suas corpas e seus corpos, digo

corpos porque tinha pessoas trans na ala feminina, quando iniciou as atividades foi solicitado a retirada das algemas pela coordenadora do projeto, as autoridades se mostraram em choque com tal pedido, traduzo isso através de seus movimentos nas expressões faciais. Depois de comunicar as autoridades começaram as retiradas das algemas. Uma das mulheres encarceradas que estava no fundo das fileiras elevou a voz e disse “A professora chegou chegando e tiraram as algemas, por isso amo o Teatro”, interpretei essa fala como um deboche contra as autoridades que não podiam dizer “não” para a coordenadora do projeto, percebi que ela era inteligente e calculista, sua manifestação consciente de felicidade através do movimento da fala e gestualidade de expressões corporais fez eu sentir muita vida naquela corpa. Todas ficaram de costas para as paredes e suas algemas eram retiradas, das mãos e pés, nesse processo eu estava sentada no chão esquerdo da sala, e olhava atentamente para os tornozelos das mulheres e via as marcas da opressão, fiquei encarando por alguns minutos um tornozelo com algemas, eu senti tristeza e dor ao ver aquela cena, não gosto de opressões. Depois outra coisa começou a perturbar

minha corpa, eram os barulhos das algemas, é muito pesado ouvir várias algemas se unirem e manifestarem um som tão opressor como um chamado para o movimento bloqueado.



Quevora 2 – Sim, sim, sim; não, não, não

O sim, sim, sim e não, não, não, é uma das brincadeiras dos Jogos Teatrais, que eu acho superdivertida e convidativa, ela trabalha os ritmos através das palavras mencionadas pelo Curinga¹⁵. Sendo assim, a brincadeira foi apresentada com explicações simples e depois foi demonstrada na prática. O comentário da Curinga é lançado “só entendemos o Jogo, jogando!”, e assim o Jogo se iniciou: “Sim, sim, sim”, disse a Curinga, “não, não, não”, disse as pessoas encarceradas. E foi dificultando, “Sim, não, sim”, disse a Curinga, “Não, sim, não”, disse as pessoas falando e rindo ao mesmo tempo porque começaram a errar as trocas entre o sim e o não. Assim continuou até o seguinte comentário da Curinga “palmas pra vocês!”. Para um segundo nível de dificuldade e com o objetivo de trabalhar a concentração e ritmo das pessoas, sem gerar bloqueios ou vergonhas porque todas e todos erram juntas(os) com a bagunça das ordens das palavras; foi aos poucos sendo adicionadas novas palavras curtas para confundir o raciocínio da fala, entre elas: Sim e Não; João e Luiz; Pão e Mel. Na versão do “Sim Não”, tocada em violão da “Palavra Cantada”¹⁶, são adicionadas as palavras: dentro e fora; dedo e dado; palavra e cantada; no qual eu acho bem divertido também, entretanto, nos presídios não podemos levar nenhum objeto conosco, nesse caso o violão; só levamos nossa criatividade, corpa e corpo. Por fim, mais uma rodada agora com as palavras Pão e Mel; quando a Curinga mencionou uma das palavras, gerou um comentário baixinho que foi se expandindo até chegar aos nossos ouvidos, “você falou Mel, eu tô com saudades da Mel, Mel era minha cachorrinha!”, disse uma mulher que estava do meu lado esquerdo da roda no meio da brincadeira, nesse momento ela enxugava as lágrimas que desciam em seu rosto enquanto lembrava de Mel e que também estava muito próximo a revê-la, porque estava rumo à liberdade das celas do CDF, nisso ela tinha uma audiência que marcada

¹⁵ O Curinga é um mediador ou facilitador que transita entre diferentes papéis dentro da cena teatral, ajudando o público e os atores a explorar ideias e reflexões.

¹⁶ Música, brincadeira e educação andam juntas desde 1994, quando a Palavra Cantada foi fundada pelos músicos Sandra Peres (piano, teclados e voz) e Paulo Tatit (baixo, violão, guitarra e voz). A ideia é criar melodias, letras e arranjos originais, sempre de olho numa poética que respeite a inteligência e a sensibilidade das crianças. Qualidade e sucesso seguem o mesmo compasso. Desde a sua criação, a Palavra Cantada é premiada e elogiada pela crítica, graças a esse trabalho cuidadoso.

naquela semana, e continuou “a Melzinha é o nome da filhinha da Mel, Mel tem uma filhinha!”, disse ela secando as lágrimas e abrindo um sorrisinho tímido e gentil, porque lembrou das duas cachorrinhas. Eu senti tanto amor naquela cena que fiquei admirando aquela corpa se manifestar de maneira permissível, se sentiu pertencente a chorar e assim se fez, ela é forte e bonita; um dos comentários que nunca sai da minha cabeça é “os fortes é quem choram!” e realmente, ela era. Seja onde essa mulher estiver agora, espero que encontre logo com Mel e a Melzinha.

Figura 6



Fonte: Desenho da autora
Quevora 3 – O Copo azul

Essa cena é pesada na minha perspectiva subjetiva, ela retrata um movimento que ocorreu durante uma das brincadeiras dos Jogos Teatrais, onde era escolhido um objeto aleatório e o objetivo é transformá-lo em qualquer coisa que não seja a função original do mesmo, nesse caso foi escolhido um copo azul ali disponível. Dessa forma, o Jogo iniciou, como qualquer primeiro contato foi acontecendo de pouco a pouco o pertencimento a brincar, depois de algumas observações e entendimento, foi aparecendo coisas criativas e potentes, eram artistas em movimentos, teve um momento onde os instrumentos musicais se tomaram frequentes, eu achei incrível, desde o primeiro dia percebo que elas e eles são familiarizadas(os) com o ritmo popular brasileiro, e entendo que a Música é uma forte ferramenta para o processo de sublimação. Entretanto, as brincadeiras ficaram pesadas e inquietantes para mim, uma das mulheres pegou o copo azul e passava pela sua corpa, uma pessoa no

círculo gritou “é um sabonete!”, a artista confirmou e a outra fez o seguinte comentário “faz tempo que não vê um sabonete né”, e a artista completou “mas aqui tem sabonete pô!”, eu percebi um tom de ironia de todas e todos devido as risadas, era um movimento muito lindo de se ver, corpos e corpos como gelatinas derretendo de tanto rir, mas fiquei reflexiva depois, queria saber se essa manifestação do comentário da pessoa era uma necessidade que passou em período de pandemia de COVID-19, visto que li muitos artigos que falavam sobre as negligências e necessidades de produtos básicos às mulheres do sistema penitenciário de diversas regiões, como sabonete, absorvente, papel higiênico, shampoo e etc. Isso porque não sabia a quanto anos ela estava inserida no CDF, isso é tudo uma perspectiva subjetiva. Dando continuidade, outra pessoa veio brincar e fez o seguinte movimento – Pegou a alça do copo azul com a mão esquerda, e como a esquerda batida na lateral e depois fazia um símbolo de negativo balançando a mão para baixa e para cima, com o dedo apontado para dentro do copo, repetiu algumas vezes com um sorriso no rosto – Até mencionarem “é que eles só enchem a metade do nosso copo de suco!”, depois desse comentário todas e todos começaram a dá risadas e dizer como suas manifestações corporais “é verdade”. Refletir muito sobre isso, e da minha perspectiva surgiu uma denúncia manifestada através do movimento, pensar que elas tinham que aceitar a metade do copo com suco é desumano, e percebi que a maioria se familiarizaram com a situação por isso começaram a rir, no meu ponto de vista, vejo como está enraizado a desumanização através daquele ditado popular de rir da própria desgraça o famoso “jeitinho brasileiro”. Não acompanhei suas refeições, mas deduzi isso por tantos movimentos parecidos de subserviência, a corpa política foi usada de maneira inconsciente.

¹⁷ A pandemia de COVID-19 foi uma crise de saúde global causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que começou no final de 2019. A doença se espalhou rapidamente pelo mundo, levando a milhões de mortes e sobrecarregando os sistemas de saúde. Para tentar controlar o vírus, foram adotadas medidas como uso de máscaras, isolamento social e vacinação em massa. A pandemia também mudou a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos, trazendo desafios, mas também aprendizados sobre saúde, ciência e solidariedade.

Figura 7



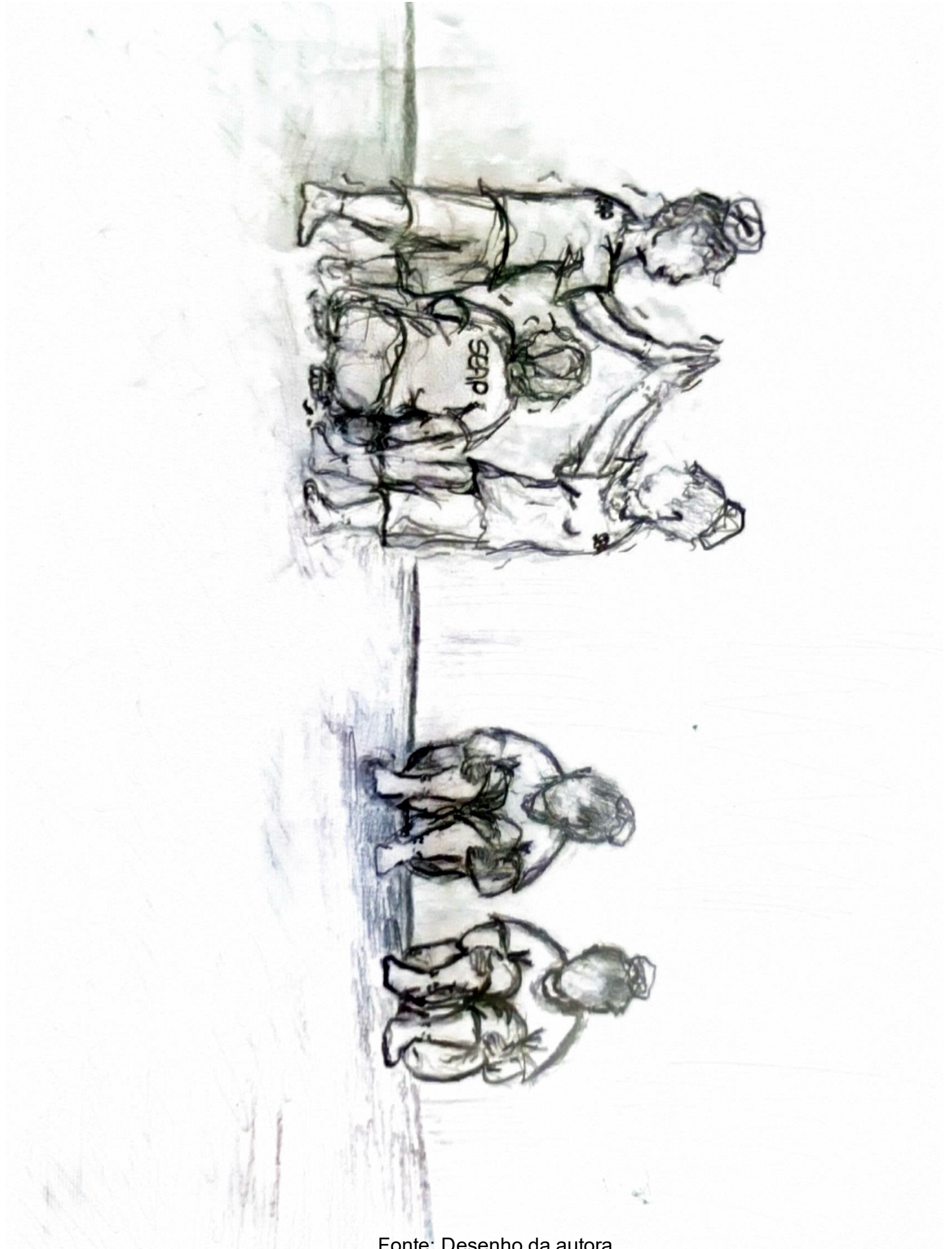
Fonte: Desenho da autora

Quevora 4 – Do não pertencimento ao isolamento social

Uma cena inquietante, fez eu refleti muito sobre inclusão, será que dentro da inclusão há exclusão? A resposta é simples, sim!

A última brincadeira dos Jogos Teatrais foi a “toca do coelho”, todas e todos já estavam animadas e animados porque já estavam se sentindo pertencentes, era uma brincadeira muito dinâmica cheia de movimentos, percebi felicidades, concentração, agilidades, correrias, joelhos dobrando e esticando, psicomotricidade e etc, uma Dança muito linda e divertida. Mas, também percebi uma cena muito pesada que afetou minha corpa, era duas mulheres que não se sentiram pertencentes a brincar. Fiquei um bom tempo observando e brincando ao mesmo tempo, mas não conseguia ficar concentrada vendo tal situação, e por vezes virei Curinga porque não conseguia correr rápido para virar cabana ou pessoa. Depois de um bom tempo resolvi ir ao encontro das duas já que ninguém se prontificou a ir, conversei com uma mulher de 60 anos e outra que aparentava ter uns 30 anos, ambas estavam desanimadas e em isolamento social, apesar de estarem próximas elas não conversavam; logo no início dos Jogos Teatrais, na brincadeira do “Zap, zip e zup”, percebi que a mulher de 60 anos estava tentando gerar uma paciência conosco, isso porque quando ela brincou comigo e fiquei fazendo trocas de Zap e Zips para retorna-la e acontecer o processo de escolhas e socialização, ela se revelou frustrada e não quis dá continuidade, mas se permitiu por diversas vezes a tentar. Nessa última brincadeira foi diferente, sentou encostando suas costas na parede e encolheu seus joelhos para perto da corpa, como se estivesse em posição fetal só que sentada, isso é uma alerta no mundo da Dança, sempre prezamos por expansões de movimentos, quando uma corpa ou corpo se retrai temos um problema. Ao lado dela uma mulher que aparentemente tinha 30 anos, ficou exatamente na mesma posição fetal, eu fiquei inquieta e precisei intervir, sair da brincadeira com intuito de entender o que estava acontecendo, assim, perguntei se elas queriam brincar, imaginando que um convite mais próximo se sentiria mais convidadas, mas não aconteceu, em vez disso, descobri as seguintes situações. A mulher de 60 anos comentou que não tinha mais idade para brincar com essas coisas, se referindo as brincadeiras, e por isso não participou; enquanto a outra mencionou está com dores de cabeça. Fiquei preocupada, porque não havia inclusão mesmo para a mulher de 60 anos, foi uma brincadeira pensando para a maioria, e excludente

para pessoas com mobilidade reduzida, além disso, era uma brincadeira que explorava nossos movimentos incluindo a voz, então o espaço se tornou um ambiente agressivo para a pessoa com dor de cabeça. Fiquei reflexiva e inquieta por um bom tempo, isso foi bom para refletir sobre Jogos Teatrais e Danças inclusivas para todas as idades e possibilidades de dinâmicas com ausência de som. Cheguei ao objetivo-fim que elas não se sentiram pertencente, e como forma de apaziguar a situação sentei ao lado delas e conversei sobre coisas que gostassem de fazer e pedir ideias de novos Jogos de suas vivências, a mulher de 60 anos comentou “eu escuto só Música gospel, só gospel!”, eu achei incrível esse movimento de afirmação sobre sua preferência musical e disse que a oportunidade de cantar música gospel era o momento dela, assim construímos aos poucos a familiaridade, busca de novas possibilidades juntas. A pessoa que estava junto a ela sentada, não falou muito, provavelmente por conta das dores de cabeça, mas eu traduzir os seus movimentos como desconforto por suas expressões faciais e recolhimento corporal. Por fim, reflexões passaram pela minha cabeça sobre inclusões excludentes.



Quevora 5 – As vozes da liberação

Todo ciclo que se inicia em nossas vidas um dia fecha. Quando a aula foi finalizando e o círculo retornando, uma pessoa surgiu com a seguinte pergunta “vamos cantar uma música?”; as pessoas gostaram da proposta de dilatar vozes. E como escolha seletiva, quase unânime, os olhares se voltaram para um dos artistas do presídio, entre tantos talentos. Nesse exato momento os movimentos entre as mulheres se iniciaram criando uma conexão tão profunda e respeitosa que logo se tornou um coletivo. A potência das vozes foram transformaram a sala em um ambiente completamente convidativo a ponto de as duas mulheres que estavam em isolamento social se sentirem pertencentes a cantar. Foi lindo e digno.

Essa cena denominei as vozes da liberação, isso porque no início do estudo deduzi que ia ajudar a liberar emoções e sentimentos das mulheres no Centro de Detenção Feminino, mas foram elas que me liberaram e me libertaram de alguma forma. Foram tantos movimentos subjetivos bem articulados e dilatados, que não consegui dedicar tempo suficiente para apreciar cada uma, suas corpas e seus corpos estavam em processo de sublimação com suas vozes lindas ao cantar uma música gospel. A pergunta digna surge “eu canto aquela que eu sempre canto?”. E as pessoas ao seu redor o contemplavam com um “sim!”. E então o movimento iniciou, e um coletivo de conexões permissíveis se fez, primeiro consigo (amor próprio), depois com o outro (amar- ação):

“Eu não preciso transformar
Pedras em pães para provar
Que no deserto Tu estás
Cuidando de mim

De um lugar alto não vou me lançar
Só para demonstrar o Teu poder
Eu não preciso ver fenômenos para crer em Ti

Não troco nossa comunhão
Pelo prazer de conquistar

Palácios, riquezas
Como um deserto, isso vai passar

Por isso resistindo estou
E quando a minha força se esgotar
O Teu anjo vai me alimentar

Te adorar é o que sustenta-me de pé
Eu não vou, não vou perder a guerra
Te louvar em meio às tentações
É mais que estratégia” (Música: Deserto, escrita por Thalles Roberto¹⁸).

As corpas e corpos foram dilatando e as confluências foram surgindo de pouco a pouco até se tornar algo potente que preencheu toda sala, eu olhei para a Quevora 3 e disse “esse é seu momento!”, ela se sentiu pertencente a cantar e cantou, e eu quase chorei de felicidade. Fiquei admirado a beleza daquelas Danças permissíveis através do movimento da voz, olhos pressionados com tanta força como um processo de sublimação e liberação, bocas extremamente articuladas com vontades de sentir cada palavra composta pela Música, percebi a pressão de algumas mãos conectadas como sinônimo de transpassar a energia da liberdade, era sensível, delicado, potente e bonito ao mesmo tempo, movimentos em confluências, minha corpa foi afetada de diversas formas e acho que nunca vou superar essa cena.

Quevora 6 – Liberdade!

Para finalizar as Quevoras. Depois de tantos movimentos confluentes, liberações, sublimações, respeitos e conexões, tínhamos que finalizar a atividade de Teatro. O círculo estava vivo, potente e preenchido pelas energias renovadas, onde se lançou a seguinte pergunta “alguém quer falar alguma coisa?”, as pessoas

¹⁸ A música "Deserto" foi escrita por Thalles Roberto, cantor e compositor brasileiro. Ela é uma canção gospel que fala sobre fé, superação e confiança em Deus durante momentos difíceis, como atravessar um "deserto" emocional ou espiritual.

começaram a lançar pedras de amor por meio das falas “eu quero agradecer pela oportunidade!”, de todas as formas possíveis “eu gostei de Teatro, eu achava que a gente ia ficar sentado enquanto vocês iam nos ensinar sobre Teatro e não foi assim”, a cada comentário minha corpa se renovava dentro daquele espaço, “eu gostei, obrigada pela oportunidade”, “a gente vai conseguir sair daqui e ter liberdade novamente!”. Por fim, um comando “vocês vão para o meio da roda e fala todos e todas juntas uma palavra de como vocês estão se sentindo”, nesse momento, meus sentidos da audição alcançaram algumas palavras, e começou no 1,2, 3 e...

LIBERAÇÃO!

FELICIDADE!

B

ESPERANÇA!

LIVRE!

D

A

D

FE'

!

Outro comando “tem uma palavra que a maioria falou, vamos todos e todas juntas e juntos dizer a palavra!”, e os sussurros começaram “é liberdade!”, a Curinga “isso é essa palavra Liberdade!”, então vamos? Todos se reuniram para encurtar o círculo e transformar as potencialidades dos movimentos em um único movimento reverberado na voz, e começou 1,2,3 e...

LIBERDADE!

Com isso, se encerra um dia de Projeto Arbítrio dentro do sistema penitenciário, no Centro de Detenção Feminino, com as pessoas renovadas(os) e dilatadas(os), a próxima cena é a dura realidade de barulhos das algemas voltando para suas corpas e corpos. O mais inquietante da primeira visitação ao CDF foi a volta, fiquei com dores

de cabeça durante o percurso do retorno para a faculdade. Quando perguntei da coordenadora do projeto o que resultou na dor de cabeça, recebi o seguinte comentário “pesado né gente, o presídio feminino é muito mais pesado”, pesado?

Realmente, o presídio feminino é bem mais pesado que do masculino, não por ser rodeado de mulheres, mas por tantas afetações, fui afetada constantemente por todos os lados com os cheiros, os olhares, os comentários, as cores impostas e a pior de todas as designações sobre estética corporal, como exemplo, surgiu durante as brincadeira a designação “vai lá magrela!”, se referindo a uma mulher que tinha a corpa magra, ela era sorridente, inteligente e feliz, é triste saber que em meio a tantas qualidades o foco foi para a estética de sua corpa, sendo assim, ela já não tinha um nome até o batismo amazônico. Também o que mais pesa no local são as faltas, as carências e as saudades, elas estão presentes no presídio feminino diariamente e constantemente, sem exceções de micro lugares. Além disso, percebi que as prioridades são sempre pelo COMPAJ, como exemplo: a brinquedoteca do presídio feminino. No primeiro dia que fui à reunião de inserção do projeto ao sistema penitenciário um comentário me atravessou “Não, faz depois! A minha brinquedoteca ainda não tá pronto!”, dizia a diretora do presídio feminino. Naquele momento eu não liguei muito para o comentário até porque não tinha vivências no CDF. Reflito e acredito que a preferência de sempre começarem a construir as coisas pelo COMPAJ é um esquecimento planejado contra as corpas da Casa da Barbie, e prega totalmente o machismo e o patriarcado, no meu olhar afetado e na minha leitura vejo o seguinte: “como são HOMENS vamos priorizar a construção aqui na ala masculina, as MULHERES são calmas e conseguem ser esquecidas e sem brinquedoteca por um tempo, também aguentam sem as visitas de suas filhas e filhos!”. Percebo que tudo no COMPAJ é muito urgente, enquanto no CDF as coisas são esquecidas, negligenciadas e dificultadas para além do necessário. O interessante é saber que mesmo acontecendo tantas negligências, o número de mulheres dentro do presídio feminino de Manaus é mais reduzido do que dos homens, ou seja, elas são fortes e resilientes¹⁹, talvez busquem por caminhos, alternativas e escolhas boas de maneira

¹⁹ Resilientes são pessoas que têm a capacidade de enfrentar dificuldades, superar obstáculos e se adaptar a situações adversas, mantendo o equilíbrio emocional e aprendendo com as

urgente para justamente chegar ao objetivo-fim de seu “entre”, podendo ser direcionado desde o encontro com seus filhos e filhas, ao voltar à cantar na igreja o seu louvor favorito. São hiperfocos que transpassam a subserviência²⁰, em busca de acelerar esse período de dentro das prisões.

experiências. É como um elástico que volta ao normal depois de ser esticado: mesmo passando por momentos difíceis, elas conseguem se recuperar e seguir em frente.

²⁰ Subserviência é o comportamento de quem obedece ou se submete de forma exagerada a outra pessoa, geralmente por medo, interesse ou falta de confiança própria. É quando alguém coloca as necessidades ou vontades de outra pessoa acima das suas, sem questionar, mesmo que isso não seja justo ou equilibrado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS EM PROCESSO

Para essas considerações finais em processo, um voto de silêncio para confluir e refletir comigo sobre todas as vivências que aqui foram conversadas desde à introdução poética, e retorno a dizer que esse estudo não é para ser confortável, mas sim inquietante. Para nossa alegria ou triste realidade excludente, eu sou a pioneira (primeira pessoa) a falar sobre inserção das Artes às prisões sendo graduanda do curso de Bacharelado em Dança na Universidade do Estado do Amazonas, gratidão com exclusividade à Annie Martins Afonso, mulher indígena da etnia Ticuna e pensadora à frente do seu tempo, o que é uma breve contradição porque ela está sempre confluindo com o Rio Amazonas que não é nada acelerado; você é a diferença que eu busco em pessoas humanizadas e artistas que gostam de fazer Artes; além disso, transforma tudo em poesia, e afirmo com todos os símbolos: eu te admiro.

Também abro uma brecha para gritar sobre a revolução do amor rumo à inclusão e emancipação de pessoas que se assemelham a mim, e afirmo que precisamos com urgência assumir a escrita acessível, para outras copas e corpos que possuem dificuldade na leitura acadêmica eurocêntrica, para que se sintam pertencentes à leitura, assim como, entendam o que estão lendo, para não serem consideradas ignorantes. Dessa forma, convido a todas, todos e todes a conversarem com os escritos de bell hooks para sentir a potência do ato de amar.

Sendo assim, nas conclusões ditas finais me permito a revisitar novamente meus dois lemas anteriores para uma breve reflexão revolucionária e inclusiva de libertação “Pessoas acima das tecnologias/ferramentas”, pois digo que as mulheres tiveram prioridades aqui nesse estudo, mas todas as pessoas que se sentiram pertencentes a conversar comigo já se tornam a prioridade para cá, porque vocês merecem ser escutadas e florescer, assim como eu floresci. A Dança foi uma trilha a ser percorrida, e aprendi muito sobre histórias e denúncias, manifestações e silenciamentos, vontades e desejos, disciplinas e processos, e proclamo com todas minhas forças suas vozes são lindas e vocês são pessoas dignas de amor.

O segundo lema construído foi “Pessoas acima do dinheiro”, e relato constantemente aqui nessa pesquisa, que eu não gosto de progressos acelerados e sim processos bem-feitos, sou a favor da vida bem vivida, pelo simples prazer de viver. Atualmente, considero que sou uma pessoa-persona equilibrada, onde estou em

processo entre criar responsabilidade (disciplina respeitosa) e emancipação (amor-próprio), e com isso criar e manter uma constante conexão comigo e sempre abraçando o ato de coletividade.

Além disso, essa aceleração do processo rumo ao objetivo-fim sem a presença do respeito de cada ritmo corporal, mexe e bloqueia nossos movimentos subjetivos, nos quais eu menciono como sendo os movimentos cristalizados. Por essa razão, nessa pesquisa enalteci a técnica Klauss Vianna e o entrelaçamento das práticas somáticas com os escritos da digna Jussara Corrêa Miller, e outras contribuições como do psicanalista M. Scott Peck e Michel Foucault, pois ela trabalha justamente essa investigação da corpa ou corpo através do movimento fluente e confluyente, afirmando que o processo é mais importante do que a forma, ou seja, o processo é mais importante que o objetivo-fim, porque é nesse processo que nos autoconhecemos, e criamos a consciência corporal e organização corporal.

Entretanto, tenho que dizer que a liberação das corpas das mulheres dentro do sistema penitenciário, Centro de Detenção Feminino de Manaus, se tornou presente. Isso porque se dilatou por diversas vezes, e alguns dos seus movimentos corporais me inquietaram bastante, porque via uma espécie de denúncias de suas corpas políticas. Esses movimentos foram manifestados através dos Jogos Teatrais do programa de extensão “Arbítrio: Práticas Poéticas e Políticas Teatro na Comunidade”, presenciei ritmo nas brincadeiras e cantorias, uma disposição gradual de expansão foi acontecendo.

Identifiquei no primeiro dia, a importância da familiarização. Acredito que o primeiro contato tenha que ser convidativo, sendo o fator mais importantes na minha perspectiva, defendo mais fielmente depois dessas duas vivências o entrelaçamento das Artes Cênicas com outras linguagens artísticas e científicas. Isso porque, apresentar possibilidades é tentar chegar ao mais próximo do processo de sublimação delas e trazer suas potencialidades para fora, ou seja, acessar suas emoções e sentimentos (dores, frustrações, faltas, negligências) e transferir para suas movimentações corporais, como um processo de autocura.

Sobre a Dança nas prisões através das minhas percepções. Percebi que elas se sentiram pertencentes a dançar, exclusivamente quando tocava Músicas que escutavam fora das prisões. O movimento feito era permissível e respeitoso consigo e com a outra, vale ressaltar que elas tinham o processo de escolhas de não participar

dos Jogos, porém, a maioria participou. Exceto Ylmy que não ouvia determinada Música por conta da faixa etária que tinha e era de outro estado e a Quevora 6, uma mulher de 60 anos, que não se sentiu pertencente por ser uma brincadeira muito dinâmica, depois de um tempo descobri que ela só não brincou porque queria conhecer o Jogo e estava se familiarizando. A segunda mulher de Quevora 6 estava com dores de cabeça por conta das dilatações expansivas e vozes em livre arbítrio, fiquei reflexiva por um bom tempo por sua triste situação.

Outra situação foi o “jeitinho brasileiro” de lhe dá com determinadas situações, na Quevora 3 fiquei muito reflexiva se foi uma denuncia pesada a respeito da ação feita com as mãos em um movimento onde revela que as pessoas que oferecem o suco só enchiam até a metade do copo (cena que aconteceu em um dos Jogos Teatrais), haja vista, que quero ver humanidade dentro dos presídios, fico sempre alerta ao ver essas movimentações subjetivas, porém inquietantes, no qual se aplica as pessoas responsáveis de fora do sistema carcerário.

Para nossa alegria, Quevora 2, uma das mulheres do CDF, já não se encontra mais nos sistemas penitenciários, ficou muito grata pelas vivências do Tetro dentro das prisões, mencionou de forma incerta no círculo o seu alvará de soltura, suas movimentações eram lindas, ela é linda, e das suas falas eu escrevo agora e revelo para vocês, ela vai encontrar com suas cachorrinhas Mel e Melzinha. Que a vida de Quevora 2 seja luz por onde trilhar e suas escolhas sejam sempre conscientes e amorosas. Chorei por um momento lembrando disso, mas dando continuidade que a Arte levou libertação para dentro dos presídios, isso eu não tenho dúvidas.

Quando iniciei essa pesquisa, esse estudo, essa conversa jamais entenderia que a minha Arte eu dedico à vida, essas mulheres, sendo Renata, Sarah, Quevora, Ylmy são pequenas histórias que pude abraçar, escutar, entender, conhecer, refletir e amar. Eu não quero estar aqui no meu último Trabalho de Conclusão de Curso escrevendo para pessoas brancas, isso não faz sentido para mim.

Mas sim, para vocês que se identificam comigo de alguma forma, sendo pela cor da pele, gênero ou classe social, sou uma das pessoas que um dia não se sentiu pertencente ou convidada a estar em locais considerados públicos, como o ambiente acadêmico. Além disso, minha história de vida se entrelaça muito com a das mulheres

na prisão, isso porque também já fui muito negligenciada e silenciada por anos nesse mundo capitalista e acelerado.

E esse é meu ato político do amor, no qual defendo e dedico minha Arte a vida. Foi aqui que eu desacelerei e me permitir a confluir com pessoas artistas dentro das possibilidades do sistema carcerário, foram tantas afetações com estruturas, cores, movimentos subjetivos, que não consegui escrever nem um terço do que eu preciso escrever. O projeto Arbítrio: Teatro nas Prisões, proporcionou dois momentos marcantes na vida de Lívia Natividade da Cruz, e minha Dança reviveu e reacendi a chama da esperança entre a solidude e a coletividade.

E para essa finalização simples que não vai parar de se movimentar, achava de maneira ingênua que chegaria nas prisões e iria libertar todas as mulheres com a minha Arte, no qual o foco desse estudo é a Dança, mas acabou que foram elas que me libertaram.

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Manuelle Souza de. A violação dos direitos das mulheres no sistema carcerário. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 3715–3728, 2023. DOI: 10.51891/Rease.V9i5.10149. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10149>. Acesso em: 17 jun. 2024.

AFONSO, Annie Martins. **Teatro na prisão: uma experiência de liberdade nos presídios do Amazonas**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2023. DOI: <https://hdl.handle.net/1884/85401>.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. ISBN 978-85-224-5856-1.

A solidão das mulheres na cadeia | Violência encarcerada. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://youtu.be/lvFjMTzHjgM?si=5RhO3PuQREdMGebP>. Acesso em: 6 jul. 2024.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. ISBN 978-85-200-0265-0.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. ISBN 978-85-7617-167-6.

BOMFIM, Helder Freitas do; SANTOS, Ater Márcio Alves dos. **Um estudo de caso sobre os benefícios da prática da dança para mulheres no conjunto penal feminino em Salvador**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/issue/view/1174>.

CANTORANI *et al.* Dança, educação e qualidade de vida: limites e possibilidades. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 5, n. 3, jul./set. 2013, p. 84-91. DOI: 10.3895/S2175-08582013000300009.

CARDIM, Leandro Neves. **A ambiguidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty**. São Paulo, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180968672011000200014&script=sci_artext.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: NUNES, Isabella Rosado. **A Escrivência e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

FERREIRA, Núbia Guedes de Barros. **Lei de drogas: etnografando o encarceramento da mulher na prisão feminina Maria Júlia Maranhão (João Pessoa - PB)**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. DOI: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30282>.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. ed. Manaus: Editora Valer, 2010. ISBN 85-7512-287-7.

FREIRE, João Batista. Dimensões do corpo e da alma: entre o céu e a terra. Separata de: Pensando o corpo e o movimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005. v. 1, cap. **Dimensões do corpo e da alma**, p. 131-136. ISBN 85-85253-57-6.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. ISBN 978-85-7753-164-6.

FURLANETTI, Alessandra Carla; NOGUEIRA, Antonio Sérgio. **Metodologia do trabalho científico: elaboração e apresentação gráfica de textos acadêmicos**. Presidente Prudente: Fatec, 2014. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. ISBN 85-209-1135-8.

GALVÃO, Julia. **Pesquisa mostra que o Brasil tem terceira maior população carcerária feminina do mundo**. Jornal da USP, ano 2023, n. 1, 7 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp>.

hooks, bell. **Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 2014. ISBN 978-85-326-4111-3. Disponível em: https://www.ijusc.com.br/wpcontent/uploads/2021/06/72_jung_o_eu_e_o_inconscient_e.pdf. Acesso em 06 dez. 2024.

MACHADO, Catarina Pacheco De Freitas. **Sentir Espaço. Da Percepção À Imaginação**. FAUP – Dissertação, 2011. Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura Faculdade De Arquitetura Da Universidade Do Porto. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/149953>

MARIANO, Vinícius Gonçalves; GRAUP, Susane. Quem dança seus males espanta? Dança como prática promotora de saúde no SUS. **Rev. Contexto & Saúde**, 2024;24(48):e13933. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2176-7114.2024.48.13933>.

MERLEAU, Maurice. **Fenomenologia da percepção/ Maurice Merleau-Ponty**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. ISBN 85-336-1033-5

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança? dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012. ISBN 978-85-323-0267-0.

_____. **A escuta do corpo: sistematização da técnica** Klauss Vianna. 4.ed., rev. São Paulo: Summus, 2022. ISBN 978-65-5549-062-6.

PECK, M. Scott. **A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008. ISBN 978-85-7701-112-4. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/272930635/Livro-a-Trilha-Menos-Percorrida-De-m-Scott-Peck-compressed>. Acesso em: 20 set. 2024.

PERES, Bruna Bellinazzi. **Inspiração de sensações: um processo de criação em dança a partir dos sentidos da percepção**. Uberlândia, 2012. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2012.388>

REVIVER. CDF – Centro de Detenção Feminino. 2021. Disponível em: <https://www.reviverepossivel.com/unidades/cdpf-centro-de-detencao-provisoria-feminino/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

SOARES, Beatriz Souza Batista; Caio Augusto Souza Lara. **Encarceradas: os desafios de ser mulher no sistema carcerário brasileiro**. Vol.03, N°.30, Curitiba, 2019. Pp. 249 – 252. DOI: 10.6084/M9.Figshare.11342816

TADRA, Débora Sicupira Arzua *et al.* **Linguagem da dança**. Curitiba: Ibpex, 2009. ISBN 978-85-7838-018-2.

VENÂNCIO, Silvana; COSTA, Elaine Melo de Brito. Pensar e sentir o corpo na dança consigo e com o outro. Separata de: Pensando o corpo e o movimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Shade, 2005. v. 1, cap. **Pensar e sentir o corpo**, p. 155-160. ISBN 85-85253-57-6.